

PQ

9261

G158 Nr

1848

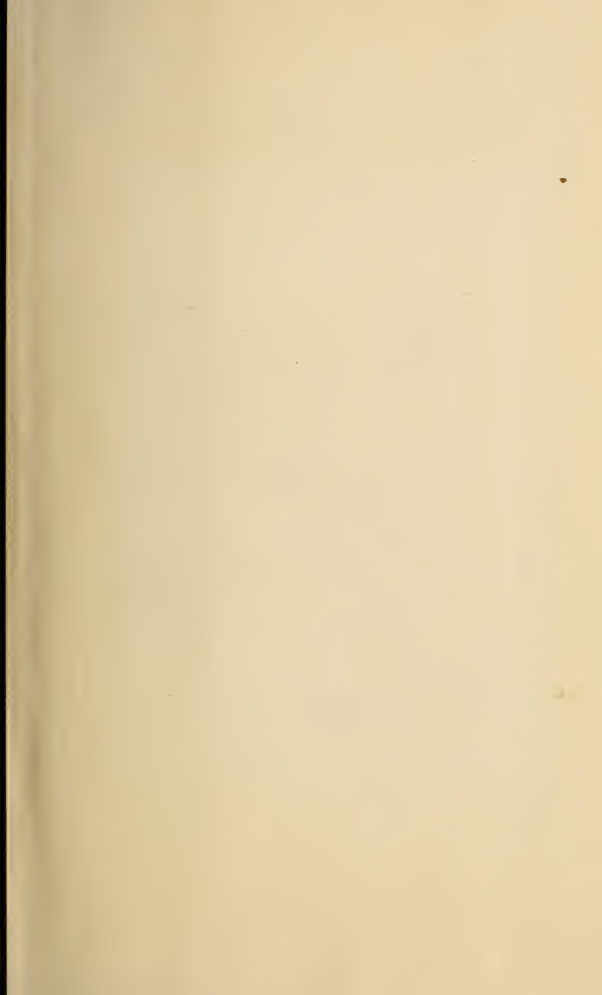


Class

PQ92.61

Book

G52N7
1848





no-46

1

93901
5091-K



O caso triste e digno da memoria?
Que do sepulchro os homens desenterra?
Acconteo da misera, e mesquinha
Que depois de ser morta foi Rainha

NOVA CASTRO.

TRAGEDIA

DE

JOÃO BAPTISTA GOMES (JUNIOR.)

NOVA EDIÇÃO

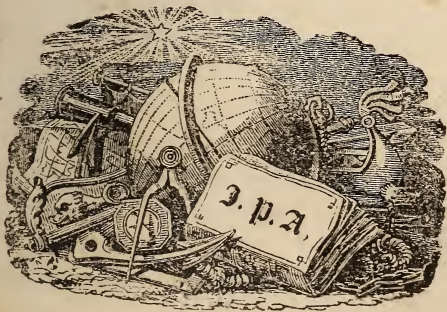
Correcta de muitos erros, e augmentada com a brillante
scena da

COROAÇÃO.

SEGUIDA

do episodio de Camões sobre a morte de D. Ignez de Castro,
e da Cantata de Bocage sobre o mesmo assumpto.

ORNADA COM ESTAMPAS.



PARIS,

NA LIVRARIA PORTUGUEZA DE J. P. AILLAUD,

11, QUAI VOLTAIRE.

1848.

PQ 9261
G 58 N7
1848

387270

'29

ACTORES.

AFFONSO IV, Rei de Portugal.

PEDRO, Principe.

IGNEZ DE CASTRO.

SANCHO, Mestre do Principe.

ELHO, }
CHECO, } Conselheiros.

NUNO, Camarista del Rei.

EMBAIXADOR DE CASTELLA.

VIRA, Aia de D. Ignez.

OS MENINOS, Filhos de D. Pedro e D. Ignez.

*Scena he em Coimbra, n'humas Sala do Palacio,
em que reside D. Ignez.*

A Accção começa ao romper do dia.

Negando-te ao socego, atribulada,
 Neste Paço, ululando, errante vagas?
 Que dôr acerba o coração te rasga?
 Que sonhadas visões assim te ancêão?

IGN. Contra Ignez se conspira o Ceo, e a Terra (1).
 Té das campas os mortos se levantão
 Para me flagellar: continuamente
 Negros fantasmas ante mim voltêão...
 Que horror! Oh Ceos!... Agora mesmo, Elvira,
 Debuxados na mente inda diviso
 Os medonhos espectros, que, girando
 Em torno de mim, me assombrárão...
 Surgir vejo Constança do sepulchro,
 Que em furias abrazada a mim caminha...
 Relampagos fuzilão, treme a terra...
 Eis-que lá dos abismos arrojados
 Impios Ministros da feroz vingança
 No peito agudos ferros vem cravar-me:
 Debalde agonisante o Esposo invoco...
 Proferido por mim seu doce nome
 Exacerba os furores de Constança,
 Que á morada dos mortos me arremessa.
 Oh do crime funestas consequencias!...
 Desgraçados mortaes!

ELV.

E póde hum sonho...

IGN. Não he hum sonho, Elvira, são remorsos.

(1) Levantando - se.

ELV. Devem elles acaso inda relar-te!

Não bastou Hymenêo a suffocá-los?

Ah! Se antes que os seus laços te cingissem,

Succumbiste do amor á paixão céga,

Assaz tens expiado este delicto,

Delicto mais que todos desculpavel.

IGN. Huma alma como a minha jámais julga

Ter assaz expiado seus delictos :

Embera de Hymenêo os sacros laços

Agora o meu amor licito fação,

Este amor foi no crime começado.

Mirrada de pezares, sim, foi elle,

Quem despenhou Constança no sepulcro,

Constança, essa Princeza desgraçada,

Que, a não ser eu, talvez fosse ditosa,

Talvez, do Esposo amada, inda vivesse ;

Eu fui a origem dos seus males todos ;

Trahi sua amizade, fui-lhe ingrata,

Sua rival, oh Ceos ! assassinei-a.

Oh crime involuntario ! Horrendo crime

Tuas iras são justas, sim, Constança ;

Arrasta-me contigo á sepultura,

Acaba de punir-me, e de vingar-te...

Mas ah! Que digo!... Não... poupa - me a vida,

Nella a vida do Principe se int'ressa :

Tu não has de querer envenenar-lh'a :

A morte não, não póde certamente

A paixão extinguir de que morreste ;

Mesmo lá do sepulchro inda o adoras...
 E talvez compassiva me desculpes.
 Quem melhor do que tu conhecer deve,
 Que aos affectos de Pedro, aos seus extremos
 Humanas forças resistir não podem?
 Se tu, sem ser amada, tanto o amaste,
 Deixaria eu de amá-lo sendo amada?
 Sabe o Ceo quanto tempo em viva guerra,
 Contra o meu coração lutei debalde:
 Quantas vezes chamando em meu soccoro
 A virtude, e a razão... auxilio inutil!
 Immudece a razão quando amor falla.
 Triunfar de paixões iguaes á minha...
 Os miseros mortaes não podem tanto...
 Que profiro infeliz? Até blasfemo!...
 Perdoa, Summo Deus, ao meu delirio:
 A meu pezar, Senhor, fui criminosa;
 Porém tua Justiça adoro, e temo.

ELV. O Ceo he justo, Ignez, o Ceo te absolve:
 Tua alma, onde morou sempre a virtude,
 Tem por graves delictos leves faltas;
 Tranquilliza, Senhora, os teus sentidos,
 Modera as afflicções.

IGN. Em breve a morte
 A's minhas fflicções virá pôr termo.

ELV. Oh Ceos! Na primavera de teus annos,
 Engolfada em fataes, loucos pezares,
 Tu propria buscas terminar teus dias,

Sem que ao menos te lembres que depende
Da tua vida a vida do Consorte ;

Que huma lagrima só que tu derrames,

Se o Príncipe jámais a divisasse,

Seria de sobejo a envenenar-lhe

O terno coração, que affagar deves !...

Se neste estado agora elle te achasse,

Em que estado sua alma ficaria ?

Por seu amor, te rogo, enxuga o pranto,

As ffllicções desterra, em que soçobras.

IGN. Oxalá que pudesse desterrá-las !

Mas buscarei ao menos reprimí-las,

Porque não participe o caro Esposo

Dos males, dos horrores que me cercão.

Embora o Ceo me opprima, e me castigue,

Entorne sobre mim suas vinganças ;

Porém sobre elle só prazeres mande :

O seu socego, mais que o meo, desejo :

A fim de lhe mostrar alegre o gesto,

A que esforços me não dou continuamente ?

Para o não affligir... ah ! Quantas vezes

Calco, suffoco dentro do meu peito

Afflicções, que no peito me não cabem !...

Quantas vezes, sumindo-se a seus olhos,

Dos meus ao coração recúa o pranto !

Mas ah ! que os meus pezares, meus martyrios,

Quanto mais os escondo, mais se azédão,

Nem podem já ter fim senão co' a vida.

A qualquer parte, oh Ceos, que os olhos mande,
Motivos d'afflicção somente encontro.

Do passado a lembrança me horrorisa,

E do futuro a idéia me intimidá :

Contra mim conspirada a intriga, a inveja,

Sobranceiras as iras d'hum Monarcha,

Tudo me vai cavando a sepultura ;

O coração m' o diz.

ELV.

Elle te illude ;

Que podes tu temer, quando enlaçada

Ao mais digno dos Principes do Mundo,

Ao melhor dos mortaes que os Ceos formárão,

O seu braço invencível te defende ?

Em vez de recear sonhados males,

Olha os immensos bens, a fausta sorte,

Que propicio futuro te apparelha ;

O Lusitano Solio, que te espera ;

O respeito, o amor dos Portuguezes,

A gloria de imperar sobre este povo,

A quem teme, e venera o Mundo inteiro...

Tudo, tudo, Senhora, te promette

Permanentes venturas : nada temas.

IGN. Essas mesmas quimericas venturas,

Esses bens illusorios, que me apontas,

Justos motivos são dos meus temores.

Oxalá que D. Pedro não tivesse

Hum Throno por herança que offertar-me !

Então fôra eu feliz, passára a vida

No regaço da paz, e da alegria ;
 Não haveria então quem se oppozesse
 A' perpetua união das nossas almas ;
 Nem barbara politica empecêra
 De nossos ternos corações a escolha :
 Hum do outro na posse, ambos ditosos,
 Aos transportes d'amor sem susto entregues,
 Rodeados dos tenros, caros filhos,
 Sem ter que desejar o Throno excelso,
 Todos esses fantasmas da grandeza
 Nem huma vez se quer nos lembrarião ;
 Mas o fado não quiz...

ELV. Ahi vem D. Sancho.

IGN. Que motivo o conduz a procurar-me?
 Venero as suas cãs, e o seu character ;
 Como elle, junto aos Reis, achão-se poucos.

SCENA II.

D. SANCHO, IGNEZ E ELVIRA (1).

SANG. O Ceo neste lugar faz que eu te encontre,
 He preciso, Senhora, com franqueza
 Mostrar-te os imminentes precipicios.

(1) Elvira, logo que D. Sancho entra na Scena, re-tira-se para o fundo della, e pouco depois desapparece.

Que só tua virtude evitar póde.
 O Principe despreza os meus conselhos,
 Meus rogos não attende, nem já céde
 A's lagrimas d'hum velho que aprecia,
 Mais do que a propria vida, a sua gloria :
 D'hum velho, que incumbido de educá-lo,
 Sempre a nua verdade ante os seus olhos
 Tem feito apparecer, buscando sempre
 Affastar-lhe a lisonja dos ouvidos,
 Esse das Cortes pessimo veneno,
 Que os corações dos Principes corrompe.
 Seu character violento, caprichoso,
 Agora por amor mais inflammado,
 Já não deixa dobrar-se ás minhas vozes ;
 Cego resiste aos paternaes preceitos ;
 He necessario pois que a obedecer-lhe
 O resolves tu mesma. Bem conheces
 Do inflexivel Affonso o genio iroso.
 Já tres vezes o tem chamado á Corte,
 Sem que D. Pedro cumpra os seus mandados,
 Nem queira pesar bem seus amiaços :
 Muito do Rei severo temo as iras,
 Por crueis Conselheiros atiçadas :
 Vendo talvez do filho a rebeldia,
 Se esqueça de que he Pai. Cumpre, Senhora
 Que atalhes as funestas consequencias,
 Que podem resultar da pertinacia
 Em que o Principe insiste : que o convenças

A beneficio seu, e em teu proveito,
 A cumprir sem demora os seus deveres;
 Eu sei que na sua alma podes tudo,
 E das tuas virtudes tudo espero.

IGN. O teu zelo, candura, e probidade
 Assaz louvo, e respeito. Não te enganas
 Em suppor-me capaz de emprender tudo,
 Inda mesmo arriscando a propria vida,
 Para chamar D. Pedro aos seus deveres;
 Não tem sido por falta de lembrar-lh'os,
 Que elle ás ordens de hum Pai tem resistido.
 (Tu, não menos do que eu, seu genio sabes)
 Nem attender-me quer quando lhe imploro,
 Que á Corte vá lançar-se ás Regias Plantas.
 Todavia, D. Sancho, eu te prometto,
 Que não hão de cessar minhas instancias:
 Embora, longe d'elle, Ignez saudosa,
 Ao furor dos seus émulos exposta,
 Venha talvez a ser victima triste
 De insidiosa politica: antes quero
 Morrer, do que lembrar-me que sou causa
 De que o Principe falte aos seus deveres.

SANC. Quem nutre em si tão nobres sentimentos,
 Inda sendo opprimida, he venturosa.
 Zombou sempre a virtude da desgraça:
 Debalde a emulação, armando a intriga,
 Conspira contra ti: mas he preciso
 Seus designios frustrar: sim...

IGN.

Eis D. Pedro.

SANG. Queira o Ceo que o convenças! Eu vos deixo

SCENA III.

D. PEDRO E IGNEZ.

PED. Quanto são vagarosos, cara Esposa,
Os poucos melancolicos momentos,
Que distante de ti saudoso passo!
Só ao teu lado, Ignez, socêgo encontro,
Não existo senão quando te vejo.

IGN. Quanto me adoras sei, Principe amado;
Mais terno cada vez, mais extremoso,
As tuas expressões meu pranto excitão;
Porém d'amor agora não tratemos:
Bradando estão deveres mais saêrados
Que preencher te cumpre: antes de tudo
Tenho, Esposo, hum favor que supplicar-te;
Negar-m'o-has tu, Senhor?

PED.

Ignez, que dizes?

Tu, que tens na minha alma todo o imperio,
Ah! podes duvidar que eu te obedeça?

IGN. Pois bem, Senhor, attende á tua Esposa,
Ouve meus rogos, e a meus rogos cede:
Se tu só junto a mim socêgo encontras,
Tambem só junto a ti socêgo eu tenho;
Porém quer o destino, o dever manda,

Que te apartes de mim por algum tempo.

PED. Apartar-me de ti? Oh Ceos! Que escuto!
Apartar-me de ti? Castro he quem falla?

IGN. He Castro, sim, Senhor, aquella mesma,
Que préza mais que tudo a tua gloria;

Aquella cujo brio não tolera,

Que seja o terno amor, que lhe consagras,
Motivo de infringires teus deveres.

Bem o sabes, Senhor, em nenhum tempo
Procurei ardilosa fascinar-te:

Cedi ao teu amor, porque te amava,

Porque em ti divisei huma alma terna,

Alma que o Ceo formou para encantar-me,
De todas as virtudes adornada.

Agora pois te cumpre conservá-las,

E a mim não consentir que as abandones:

Eu de mim propria assaz me horrorizára

Se visse que as perdias por amar-me.

Não, Principe querido, eu te supplico,

Por este mesmo amor que a ti me prende,

Que á Corte sem demora te dirijas,

Onde teu Pai, talvez já fatigado

De te chamar em vão, te espera ancioso.

Obedecer aos paternaes preceitos

He lei da Natureza, he lei sagrada;

Cumpri-la debes: vai...

PED. Basta: Eu conheço

Quaes meus deveres são, e sei cumpri-los;

Sei que he devida aos Pais a obediencia ;
Mas igualmente sei que tem limites
A paternal, sagrada auctoridade.
Tenho pensado bem no que obrar devo :
Justos motivos, que não sabes inda,
Exigem que eu não cumpra as Regias ordens.
Obedecêra a hum Pai, se Pai tivera...
Mas eu não vejo mais do que hum tyranno
Nesse que o ser me dêo...

IGN. Senhor, suspende ;
He teu Pai ; muito embora cruel seja,
Tu debes respeitá-lo, e obedecer-lhe.

PED. Se quer que lhe obedeça, e que o respeite,
Não me imponha preceitos deshumanos.

IGN. Não promettes-te ha pouco á tua Esposa
Conceder-lhe o favor que te pedisse ?

PED. Vê pois quando não posso comprazer-te,
Se terei razões justas que me estorvem
De obedecer a hum Pai !

IGN. Não póde havê-las.

PED. Tyrannos, que nos julgão seus escravos(1) !
Para nos flagellar o ser nos dérão !

IGN. Tu me fazes tremer.

PED. Sabe em fim tudo.

Affonso, e o Monarcha de Castella

(1) Sem attender a Ignez, transportado.

Acabão de firmar a nova alliança,
 Em que sem meu consenso contratarão,
 Qu'eu daria a Beatriz a mão de Esposo :
 Para este fim á Corte sou chamado.
 Affonso não contente da violencia
 Que ao meu coração fez, quando forçado
 De rôjo me levou ante os altares
 Para unir-me a Constança em laço eterno,
 Pezado laço, que rompeo a morte ;
 Não contente de haver sido o motivo.
 De... Mas que digo ? Não, ah ! não foi elle ;
 Eu em lhe obedecer fui o culpado :
 Que desenfrêe agora as suas iras ;
 Que rogue, que ameace ; mesmo quando
 Em secreto Hymenêo não estivessem
 Ligadas para sempre nossas almas,
 Debalde intentaria submeter-me
 A hum jugo que a vontade recuzasse,
 Reconheço porèm que a pertinacia,
 O despotico orgulho de seu genio ,
 Sem que attenda senão ao seu Tractado ,
 Quererá que por força o desempenhe.
 Não convêm descobrir nosso consorcio ;
 E outra escusa qualquer que eu fosse dar-lhe
 D'irritá-lo inda mais só serviria.
 Agora julga pois se partir devo.
 Se me devo ir expôr, talvez... quem sabe !
 A faltar-lhe ao respeito inteiramente...

Mas tu choras... Que vejo !... Acaso temes ?...

IGN. Nada temo por mim; por ti só temo :
 Sim, quando vejo sobranceiros males,
 Por desditoso amor originados ;
 Quando vejo engrossar a tempestade,
 Que me denota próxima ruina ;
 Nem por isso me assusto : o que me afflige,
 He vêr hum Pai, hum Reino, e o proprio Esposo,
 Tudo por meu respeito alvorotado.
 Em situação tão ardua, e tão penosa,
 Té chego a desejar... (infeliz Castro !)
 Que o sacro santo nó que a mim te prende,
 Este laço tão doce, e desejado,
 Dos bens o maior bem que Ignez possue,
 A ser possível, hoje se rompesse,
 Só porque tu podesses livremente !
 Obedecer a hum Pai, fazer ditosos
 Por hum feliz consorcio dous Imperios.
 Muito embora Beatriz te possuísse...
 Mas que digo ? Ai de mim ! Nos braços d'outra !...
 Nos braços d'outra vêr o amado Esposo !
 Ah ! não... não posso tanto, antes a morte.

PED. He teu meu coração, será teu sempre.
 Os laços de Hymenêo são as mais debeis
 Prizões que a ti me ligão. Quando amâmos,
 Desnecessarios são ritos, promessas :
 Mais força tem amor que os juramentos.
 Inda que ante os altares sacros votos

De permanente fê, de amar-te sempre
 Não tivesse a teu lado proferido,
 Seria sempre teu, sempre te amára ;
 Sem que jámais pudesse força humana
 Separar corações, que amor unira.

IGN. Mas que, talvez em breve sopeados,
 Aos golpes da politica succumbão.

PED. Para lhe resistir basta o meu braço.

IGN. O teu braço, Senhor, só deve armar-se
 Para empresas mais dignas do teu nome :
 No lance melindroso em que nos vemos
 Convém, mais que os furores, a brandura ;
 E apesar das razões que ponderaste,
 Julgo que deves dirigir-te á Corte ;
 Pois talvez, se não corres a embargá-los.
 Teu Pai avance os começados passos
 Para as nupcias da Infanta de Castella,
 Na esperança de ser obedecido,
 E a ponto chegue que depois não possa...

PED. Sem lhe dizer porque, já fiz saber-lhe,
 Que taes nupcias jámais celebraria.

IGN. Mas não fôra melhor...

SCENA IV.

D. [PEDRO, IGNEZ E D. SANCHO.

SANC. Senhor : ah ! corre,
Vem esperar teu Pai.

IGN. Oh Ceos !

PED. Que dizes ?

SANC. Dirigido a Coimbra em veloz marcha
Partio da Corte Affonso, aqui não tarda.

IGN. (1) Agora sim, minha desgraça he certa.

PED. (2) Meu Pai ? oh Ceos !... meu Pai ?

SANC. Coelho, e Pacheco,

Seus crueis Conselheiros, o acompanhão :

Toda a Corte, Senhor, em sobressalto

Ficou co' esta partida inesperada :

Mendonça que ligeiro vem trazer-te

A importante noticia, assim o affirma :

Murmura o Povo já de recusares

As nupcias de Beatriz, que applaudem todos.

PED. Murmure muito embora, embora venha

Armado de poder, ardendo em raiva,

Da vingança, e das furias escoltado,

Esse a quem por meu mal devo a existencia ;

(1) Fallando comsigo mesma.

(2) Pensativo e admirado.

A cólera azedar não vás d'Affonso ;
 No transporte cruel das suas iras,
 Bem sabes que he capaz...

PED.

De que ? De nada

Mais de mim, do que eu d'elle, tremer deve...
 Se ousasse contra Ignez... Ah ! nem pensá-lo !
 Para vingar o seu menor insulto
 Seria pouco todo o sangue humano.

IGN. Bem me dizia o coração presago...

Meu mal he sem remedio ; o proprio Esposo
 He quem vai despenhar-me no sepulchro.

Meus crueis inimigos não me assustão :

O popular tumulto, hum Rei severo,

Nada temo, ai de mim ! a ti só temo.

Ah ! Lembra-te, Senhor , do que juraste

Antes de conduzir-me ás sacras Aras,

Onde eu te não seguira, se primeiro

Tu me não promettesses guardar sempre

O devido respeito ao teu Monarcha,

E a paz não perturbar dos seus Dominios :

Tu não has de faltar, o tempo he este,

Que eu já previa então : oh caro Esposo !

Lança do coração fataes transportes ;

Não percas tempo , vai, corre a prostrar-te

Aos pés do grande Affonso ; mas submisso,

Ao beijar de teu Pai a mão augusta ,

Sobre ella de teus olhos chova o pranto.

Pondéra que te perdes, e que me perdes,

Se com elle furioso praticares ;
 Só nos póde salvar docil brandura :
 Se não queres matar - me , sê submisso.

PED. O temor de affligir-te póde tudo.
 Respeitoso serei, terei brandura,
 Se elle brandura igual usar comigo.
 Nada temas, Princeza. Adeos. Eu juro
 Pelos Ceos outra vez , e por ti mesma,
 Que inda que o Mundo inteiro se me opponha,
 Castro ha de ser de Portugal Rainha (1).

IGN. Não te apartes, D. Sancho, do seu lado :
 Moderem teus conselhos seus transportes.

SANG. Dai forças, justos Ceos, ás minhas vozes,
 Lançai a Portugal piedosas vistas.

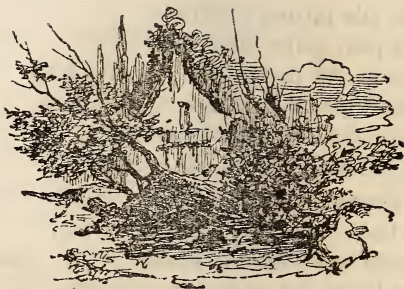
SCENA V.

IGNEZ SÓ.

Que temor, infeliz ! de mim se apossa (2) !
 Caro Príncipe !... Esposo !... oh Deos, quem sabe
 Se a ver-te tornarão inda os meus olhos.
 Vai, ó Castro, abraçar-te aos caros filhos,
 E entrega-te nas mãos da Providencia.

(1) Parte.

(2) Sem poder despregar os olhos do caminho que
 tomou D. Pedro.



ACTO II.

SCENA I.

D. AFFONSO E D. PEDRO.

AF. Basta, Principes, basta : prescindamos
De justas arguições, de escusas futeis ;
Não quizeste ir, vim eu. Quero esquecer-me,
Perdoar quero mesmo as tuas faltas,
Huma vez que obediente hoje as repares.
Concluão-se estas nupcias proveitosas,
Que para teu prazer, e o bem do Estado,
Prudente contratei. Verás com gosto,
Quando Lisboa entrares a meu lado,
Com quanto regozijo o Povo todo,
Teu consorcio applaudindo, a festejá-lo
Com pompa jámais vista se prepara.

Que doçura não he para os Monarchas,
 Espalhar alegria entre os Vassallos !
 Vê-los mandar ao Ceo ardentes votos
 Pela conservação da Regia Prole,
 Que lhe assegura a paz, a dita e gloria !
 Vêr que as suas acções o Povo approva,
 E contente abençôa o seu reinado,
 Curvando-se de grado ao leve jugo,
 Que sómente os máos Reis fazem pezado !
 Mil graças dou aos Ceos, pois satisfeitos
 Julgo estarão de mim os Lusitanos,
 E nada mais desejo que deixar-lhes,
 Em meu filho, outro eu, que sempre os ame,
 E que por elles seja sempre amado.
 Começa desde já neste consorcio
 A firmar o seu bem. Sim, hoje mesmo
 Deves partir comigo para a Corte,
 A fim de o celebrar, logo que chegue
 A Infanta de Castella, digno objecto
 Que escolhi para Esposa de meu filho.

PED. Ah ! que seja possível, por meu damno,
 Que o melhor dos Monarchas do Universo,
 Igualmente não seja o Pai mais terno !
 Que hum Rei, que desvelado buscou sempre
 Fazer os seus vassallos venturosos,
 Queira fazer seu filho desgraçado !...
 Contratares, Senhor, sem consultar-me
 Hum consorcio, ignorando se teu filho

Póde, ou quer d'Hymenêo ás leis cingir-se!
 Se essa, que lhe destinas para Esposa,
 Póde ao seu coração ser agradavel!
 Acaso julgas tu desnecessaria
 A minha approvação para estas nupcias!
 Não será livre hum coração ao menos
 Na escolha duma Esposa, que amar deve...
 Ah! não queiras, Senhor, com tal violencia...

AF. Immudece, insensato; não prosigas
 Indignas expressões que me envergonhão...
 Bem conheço a razão por que assim pensas.
 Que indignos sentimentos, que fraqueza,
 Para quem deve hum dia ser Monarcha!
 Como, quando do Imperio as redeas tomes,
 Quando na mão a espada formidavel
 Da severa Justiça sustentares,
 Das paixões punirás o torpe effeito,
 Sendo tu proprio das paixões escravo?
 Como jámais serás obedecido,
 Se tu mesmo ao teu Rei desobedeces?
 Com quanta repugnancia os Portuguezes,
 Murmurando, verão no Luso Solio,
 Que de tantos heróes tem sido assento,
 Hum Rei dado ás paixões, afeminado,
 Incapaz de empunhar o Sceptro augusto!

PEB. Mas capaz de os reger, e defendê-los,
 Se das grandes paixões sou susceptivel,
 A molleza detesto, bem o sabes:

Quando cumpre, Senhor, em campo armado,
 Ensinado por ti, brandindo a espada,
 Sei por acções mostrar que sou teu filho;
 Nem para ser bom Rei (Senhor, perdôa)
 Eu julgo necessario huma alma dura;
 Mas antes me persuado não devêra
 O que fosse insensivel reger Homens,
 Corações que á ternura se não rendem,
 Jámais sabem carpir alheios males;
 Nem doêr-se das lagrimas do afflicto.

AF. Apagada a razão, cégo deliras;
 Isentos de paixões os Reis ser devem;
 Manão dos seus os publicos costumes.
 Se exemplificação mal os seus Estados,
 Os vicios dos vassallos são seus vicios;
 Devem sacrificar os seus desejos;
 Ser comsigo crueis a bem dos Povos,
 Que o Ceo lhes confiou; e os que se ensaião
 Para lhes dar as Leis, devem mostrar-se
 Capazes d'estes nobres sacrificios.
 Os consorcios dos Principes são obra
 Dos int'resses do Estado; elles decidem,
 Elles dispõem de nós. Deixem-se ao vulgo
 Caprichosos melindres com que exige,
 Que aos laços d'Hymenêo amor presida.
 As doçuras de Amor para os Monarchas
 São de pouca valia: a nossa gloria
 Não se firma em tão fracos alicerces.

PED. Se aos que devem reinar he necessario
 Ceder dos privilegios, dos direitos
 Que a Natureza deo aos Homens todos,
 Por tal preço, Senhor, não quero o Throno!
 Laços formar, que o coração repugna,
 Origem de desgraças, e de crimes...
 Assaz o exp'rimentei... grilhões tão duros,
 Por tuas mãos lançados, longo tempo
 Com bem custo arrastei... Supportar outros...
 Ah! não, Senhor, não posso.

AF. Temerario!
 Basta já de soffrer hum filho ingrato.
 Se aos rogos, ás razões de hum Pai benigno
 Tu não queres ceder, cede aos preceitos
 De hum Monarcha severo, e justo.
 Eu dei minha pulvra, has de cumprí-la:
 Os tratados dos Reis não são falliveis:
 Debalde pois te oppões...

PED. Mas ah! pondéra...

AF. Tenho em fim decidido. Acaso queres,
 Deixando de cumprir o meu Tratado.
 Entre os Povos soprar horrenda guerra?
 Queres vêr Portugal nadando em sangue?
 Contra nós conspirada a Europa inteira,
 Abraçando o partido de Castella,
 Vir vingar sua injuria? Ah!...

PED. Que recêas?
 Portugal vencedor, nunca vencido,

Zombará do poder do Mundo inteiro.
 Tão ousada será, tão nescia a Hespanha,
 Que contra nós se atreva a mover guerra?
 Não ha de inda lembrar-se o seu Monarcha,
 Que te deve os Dominios que possue?
 Que ha bem pouco, cercado de inimigos,
 Vendo nas mãos o Sceptro vacillante,
 Mandou a propria Esposa, filha tua,
 A implorar-te que fosses soccorrê-lo,
 Ou antes sobre o Throno sustentá-lo?
 E que do filial pranto commovido,
 Não contente em mandar-lhe tuas tropas.
 Tu proprio á testa d'ellas generoso
 Quizeste ir debellar seus inimigos,
 E segurar-lhe a C'roa na cabeça?
 Ha de offender quem soube defendê-lo,
 Quem póde, apenas queira, anniquillá-lo?
 Não; quem vio pelejar, ao teu commando
 Nas margens do Salado os Portuguezes,
 A atacar Portuguezes não se atreve;
 E se a tanto chegar a sua insania,
 A' maneira dos seus antepassados,
 Chorando opprobrio de ficar vencido,
 Caro lhe custará seu louco arrojo.
 Oxalá que elle á guerra nos convide!
 Poderia teu filho então mostrar-te,
 Que te sabe imitar quando he preciso,
 Novos louros cingindo ao teu Diadema.

AF. Que desatino! Oh Ceos!... Eu me envergonho
 De te haver dado o ser; de te ouvir tremo...
 Tristes Vassallos meus, amados filhos,
 Que Monarcha vos deixo sobre o Throno!
 Tu desejas a guerra? Esse flagello,
 Que envergonha, e devasta a Humanidade!
 O capricho dos Reis que importa aos Povos!
 Ouve as lições de hum Pai, posto que iroso
 Só devêra tactar do teu castigo.
 Eu não posso deixar, quando te escuto,
 De reprehender-te, ó filho, e de ensinar-te:
 Talvez por ti mandado á sepultura,
 Bem depressa no Throno me succedas;
 Não te esqueças então dos meus dictames;
 Poupa o sangue dos miseros vassallos,
 Do mais infimo d'elles préza a vida
 Outro tanto que a tua; teme a guerra,
 Que ao proprio vencedor sempre he funesta;
 No meio do triumpho os bons Reis chorão.
 Nessa mesma tão célebre batalha,
 Que julgas me cingio de louro eterno,
 Quando juncavão do Salado as margens
 Os montões de cadaveres sem conto
 De infieis derrotados inimigos;
 Por perder trinta só dos meus Soldados,
 Muito cara julguei esta victoria,
 E, dentro de mim proprio recolhido,
 Mais pranto derramei, do que elles sangue.

Os Reis devem ser Pais de seus vassallos ;
 Nada mais que o seu bem deve importar-lhes..
 Elle exige estas nupcias, que te ordeno ;
 Suas vozes escuto, e não as tuas.
 Já te disse que dei minha palavra,
 E torno-te a dizer que has de cumprí-la.
 Affonso he teu Monarcha: mando, e basta.
 Hoje mesmo comigo para a Corte
 Vê que deves partir, vai preparar-te.

PED. Teus passos seguirei, porém de balde...
 Celebrar o consorcio que pretendes...
 Quizera obedecer-te, mas não posso...
 Sem que te diga mais, assaz te digo.

SCENA II.

D. AFFONSO SÓ.

He possivel, oh Ceos, que assim meu filho
 Temerario resista aos meus preceitos?...
 Que cegueira ! Que arrojo ! He necessario
 Desarraigar-lhe d'alma por violencia
 A funesta paixão que o traz de rojo :
 Mas de que modo !... Cumpre meditá-lo...
 Seja em fim como for, desempenhado
 Meu Tratado ha de ser, o ingrato filho,
 Em vez de hum Pai benigno, hum Rei severo
 Ha de encontrar em mim. Oh lá, D. Nuno (1).

(1) Chamando.

SCENA III.

D. AFFONSO E D. NUNO.

NUN. Que me ordenas, Senhor?

AF. Os Conselheiros
Vai chamar... mas espera, ali vem Pacheco.

SCENA IV.

D. AFFONSO PACHECO E D. NUNO.

AF. (1) Quem tal dissera, Amigo! Eu me envergonho

Sómente de o pensar: o iroso aspecto
De hum Monarcha, de hum Pai, razões, ameaços
Nada bastante foi: ousa o rebelde
A's nupcias recusar-se, aos meus preceitos;
Mas ha de obedecer-me, aos Ceos o juro.
Os meios estudemos, que efficazes
A sua contumacia vencer possão:
Se necessário for, inexoravel,
Riguroso serei.

PACH. Dever funesto

He, Senhor, na verdade, o de hum vassallo,

(1) D. Affonso se dirige a Pacheco, e D. Nuno se afasta para o fundo da Scena.

Que fiel ao seu Rei, bem que sensível,
 Na precisão se vê de supplicar-lhe,
 Que suffoque a piedade, e que castigue...
 Mas o int'resse do Estado, e mais que tudo
 O decoro do Throno assim o exigem.
 De incorrupta lealdade claras provas
 Eu protesto dar sempre ao Rei, e á Patria.
 Longe de desculpar, porque he teu filho,
 Do Principe a paixão, funesta origem
 Da sua contumacia; com franqueza
 Direi meus sentimentos, sem que possa
 Tolher-me as expressões o temor justo
 De perder o favor, de ser odiado
 De hum Principe que adoro, e que respeito.
 Se queres que teu filho te obedeça,
 Corta a indigna prizão que maniatado
 O coração lhe traz, e que o estorva
 De entrar em seus deveres : pune, extingue
 Esse objecto fallaz que a alma lhe encanta :
 De contrario, Senhor, serão baldados
 Outros meios quaesquer que projectares.

AF. Seja punida, sim, seja punida
 Mulher que tantos males origina,
 Que impera mais do que eu, e que se atreve
 A usurpar-me do filho a obediencia.
 Seu crime... Mas que digo !... Por ventura
 Não he meu filho mais culpado qu'ella !
 Serei eu parcial punindo Castro,

Sem que seja igualmente castigado
 Quem deve mais do que ella ser punido?

PACH. O principe he teu filho, tanto basta
 Para ser absolvido, e desculpado :
 A condição d'Ignez he mui diversa.

AF. Não puno condições, puno delictos,
 Antes de tudo interrogá-la devo.

D. Nuno, chama Ignez. (1) Oví-la quero,
 Sondar seu coração ; depois veremos
 Se he digna de castigo.

PACH. Ah ! Se attenderes
 Suas vozes, Senhor, suas escusas,
 Por seu astuto pranto subornado,
 Deixarás por piedoso de ser justo.
 Quem foi capaz de fascinar o Filho,
 Póde o Pai fascinar. Arte impostora
 A peitos feminis Amor suggére :
 Quando as abraza criminosa chama,
 Negão as expressões, o que a alma sente,
 E c'o auxilio das lagrimas convencem.
 Attende, attende só ao bem do Estado,
 Ao exemplo que debes ao teu Povo,
 Que murmurando já talvez se azede
 Se vir que em nova guerra o precipita
 Do Principe a paixão escandalosa.
 Não soffrerá Castella a grave affronta

(1) Parte D. Nuno.

De ser do seu Tratado em menoscabo,
 Por teu Filho Beatriz repudiada :
 E o consorcio D. Pedro não celebra,
 Sem que até da lembrança Ignez lhe affastes.
 Atalha em quanto podes tantos males :
 Muitas vezes punir he ser piedoso.

AF. Tu me fazes entrar nos meus deveres.
 Para me resolver a castigá-la
 Basta o bem do meu Povo que me lembras.
 No coração de hum Rei digno do Throno,
 Se os int'resses do Estado a voz levantão,
 Compaixão, amizade, natureza,
 Tudo, tudo immudece. Exterminada,
 Em remota clausura Ignez reclusa,
 Da presença do Principe se affaste :
 Não torne a ver meu filho essa que o cêga,
 Em quanto, da razão accêso o facho,
 As tochas de Hymenêo arder não faça ;
 E se isto não bastar, mão lançaremos
 De outro efficaz, duro remedio.

PACH. Não bastará talvez ; por mais que seja
 Recatado, e remoto qualquer sitio,
 Que para o seu desterro escolher possas,
 Lá mesmo irá teu Filho arrebatá-la.
 Eu calo o mais que sinto, e só te lembro
 Que a queres com ella ser piedoso,
 Pougando-lhe hum maior, justo castigo,
 De Portugal ao menos a desterres.

Occasião, Senhor, tens opportuna
 De enviá-la ao Monarcha de Castella,
 Que zeloso do filho no decoro,
 Guardará providente em segurança
 A rival que se atreve a disputar-lhe
 O coração do Principe. Este arbitrio
 Segue pois, se te apraz, bem que ainda o julgo
 Para tão grande mal remedio fraco.

AF. Seguirei teu conselho; porém antes
 Já de brandura usando, já de ameaços,
 Quero tentar o coração de Castro;
 Vêr se a posso mover a que ella mesma
 As chammas que accendeo apagar busque...
 Mais ella para aqui já se encaminha.

SCENA V.

D. AFFONSO, IGNEZ, PACHECO E D. NUNO (1).

IGN. Eu desfalleço.. Oh Ceos!.. Excelso Affonso
 Permite que a teus pés Ignez prostrada... (2)

AF. Levanta-te, ardilosa. Não he digna
 De beijar a Mão Regia huma vassalla,
 Que a perpetrar se atreve altos delictos.

(1) Pacheco affasta-se para o fundo da Scena, logo que Ignez se chega ao Rei, e D. Nuno que a conduz se retira.

(2) Prostra-se aos pés do Rei.

No coração d'hum Principe ? Não vias
 A distancia empinada, inaccessible,
 Que do teu berço vai ao Throno excelso ?

IGN. Quando amante paixão nos predomina,
 Offuscada a razão, a ninguem lembrão
 As distincções fataes do berço, e sangue.
 São iguaes ante amor os mortaes todos :
 De virtude sómente se enamora
 Huma alma virtuosa : só virtudes
 Convidarão Ignez amar teu filho.

AF. E através-te a fallar inda em virtude ?
 Não profanes palavra tão sagrada ;
 Antes dize que estólida esperança,
 Avidez de reinar, te fez culpada.
 Talvez da minha já cançada vida,
 Contando os longos importunos dias,
 Te tardava o momento suspirado,
 Em que, baixando Affonso á sepultura,
 Vazio o Throno, aos teus desejos franco,
 Te cingisse o Diadema a indigna fronte.

IGN. Que injustiça !. . Minha alma não conheces,
 Não conheces de amor o desint'resse :
 Quem ama, só deseja ser amado.
 E a par de hum coração como o de Pedro,
 Os Diademas que são ? Que vale o Mundo ?
 Quem de seu terno peito o imperio obteve,
 Mais imperio não quer : nem se deslumbrão
 As almas grandes c'o esplendor do Throno.

Quando a amor succumbi, do Solio estava
 Mais longe que o meu berço a minha idéa :
 Por isso não medi como devêra
 A declive distancia que os separa ;
 Mas hoje a vejo assaz, e mais deploro
 A condição do Principe, que a minha ;
 Quizera que tivesse antes nascido
 Vassallo o meu amante, que eu Princeza :
 Longe de o cobiçar, detesto o Throno :
 Nelle diviso só barreira odiosa,
 Que entre peitos sensiveis sorte adversa
 Alçou para que nunca unir-se possão...
 Sei que sou infeliz... e o serei sempre.

AF. Podes inda evitar maior desgraça ;
 Quem logo que o conhece o crime atalha,
 A innocencia recobra. Extingue, ó Castro,
 As criminosas chammas que sopraste ;
 Quanto são detestaveis não ignoras,
 E bem vês que nutri-las mais não podes.
 Antes pois que do Principe te affastes,
 (A tão graves delictos leve pena,
 Que hum benigno Monarcha te destina)
 Teu completo perdão merecer busca.
 Tu mesma de seus erros o dissuade,
 E o convence a cingir-se aos dignos laços
 Do plausivel consorcio que lhe ordeno :
 Concorre para o publico socego,
 Em vez de o perturbar : não exacerbes

**Pertinaz em teu crime as minhas iras.
Teme o castigo atroz de que és credora,
Se ao coração do Principe as que urdiste
Prisões abominaveis não desatas.**

IGN. Muito exiges de mim!... Ah! se eu pudesse
As algemas romper que nos vinculão,
Só por te obedecer (crê-me) o fizera :
Mas como n'hum momento arrancar posso
Do peito de teu filho sentimentos,
Que amor, e sympathy originárão,
Para sempre deixar a terna amante,
E subito ir lançar-se em braços de outra!...
Se elle tivesse huma alma tão voluvel,
Por amá-lo increpada eu não seria?
Que proferi?... Deliro... Oh Ceos... Perdôa...
Perdôa-me, Senhor, talvez o tempo...
Extinguir poderá... Não sei que digo.

AF. Basta : immudece já, mulher soberba.
De sobejo em tua alma tenho entrado.
Ousas alardear, ante mim proprio,
Do mais nefando crime! Ah! que castigos
Bastarão a punir teus attentados!
Tudo quanto ha de horrivel...

SCENA VI.

D. AFFONSO, IGNEZ, COELHO E PACHECO.

COEL. Da Castella

Embaixador chegou, que Audiencia pede.

AF. Entrai póde.

SCENA VII.

D. AFFONSO, IGNEZ E PACHECO.

AF. Retira-te, atrevida;

De meus olhos te affasta; vai, que em beve

Te serão minhas ordens intimadas.

IGN. Humilde, e respeitosa hei de cumprí-las.

Mas só te rogo que, antes de punir-me,

Te dignes sem paixão sondar meu crime;

Pois se pezares bem os meus delictos,

Espero que me julgues desculpavel (1).

(1) Retira-se Ignez, e D. Affonso fica pensativo, enquanto Pacheco falla.

SCENA VIII.

D. AFFONSO E PACHECO.

PAC. Que insolente altivez ostentar ousa!...
 Eu te lamento, ó Rei, quando te vejo
 Na dura precisão de repellires
 Da tua alma os impulsos compassivos,
 Constrangido a punir asperamente,
 Para evitar terriveis consequencias.

SCENA IX.

D. AFFONSO, COELHO, PACHECO E O EMBAIXADOR.

EMB. A Filha do meu Rei, que te saúda,
 Já dos Dominios teus piza as fronteiras ;
 Mas o boato geral de que teu filho,
 Por violenta paixão allucinado,
 De Beatrix ao consorcio se recusa,
 Aos ouvidos chegou do meu Monarcha.
 Que me ordena te diga, e te assegure,
 Que se com tal repulsa, em seu desdouro,
 O tractado solemne for violado,
 (O que elle não espera) dignamente
 Saberá sustentar a toda a força
 O decoro da filha, e do seu Throno.

AF. Dize da minha parte ao teu Monarcha,
 Que para dissipar seus vãos receios,
 Bastaria lembrar-se que os Reis Lusos
 Fidelissimos sempre, seus tractados
 Sabem desempenhar: não porque temão
 Quaesquer que sejam, estrangeiras forças ;
 Mas por dever, por gloria, e por costume.
 E para lhe mostrar como procedo,
 Hoje mesmo desterro de meus Reinos,
 E á sua guarda entrego Ignez de Castro,
 Que elle julga estorvar da Infanta as nupcias.
 Podes certificar-lhe, que consorte
 Ha de meu Filho ser da Filha sua.

EMB. Nem era de esperar que hum Rei tão sabio
 Procedesse jámais d'outra maneira.
 Prompto vou expedir ao meu Monarcha
 A plausivel resposta, que lhe envias.

SCENA X.

D. AFFONSO, COELHO E PACHECO.

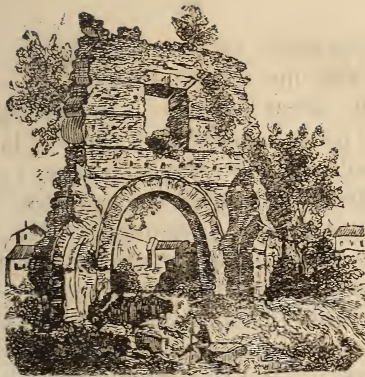
AF. Sem demora, Pacheco, apromptar faze,
 Para Ignez conduzir, segura escolta :
 Vai, Coelho, dizer-lhe que se apreste :
 Partirá hoje Ignez para Castella,
 E meu filho comigo para a Corte.

COEL. Oxalá que assim seja ! Mas duvido.

Em castigar avaro em demazia,
 Além de ser, Senhor, simples desterro
 Aos delictos de Ignez pena mui leve;
 Receio que de horriveis attentados
 Seja origem fatal este projecto.
 Fôra talvez melhor lançar mão logo
 Dos efficazes, ultimos remedios.
 Eu conheço o character de teu filho:
 Mal souber que roubar-lhe Ignez intentas
 Dos filiaes deveres esquecido,
 Com braço armado, temo que se atreva
 Contra seu proprio Pai.

AF. Nem tal profiras:
 Não faças a meu filho essa injustiça:
 De tão feio attentado basta a idéa
 Para me horrorisar. Ide ligeiros
 Fazer que as minhas ordens se executem.
 Ah! se alguém se atrevesse a contraví-las,
 Seu tremendo castigo serviria
 De memorando exemplo ao Mundo inteiro.





ACTO III.

SCENA I.

IGNEZ SÓ.

Miseranda!... Que trance! oh desventura!
Oh sentença cruel!... Venceste, ó Fado.
Apraziveis lugares, testemunhas
Do mais ardente amor, ah, para sempre
A malfadada Ignez de vós se aparta ..

Quanto fôra melhor, quanto mais doce
 Deixar a vida, que deixar o amante!...
 Que!.. Eu.. deixar o amante?.. Oh caro Esposo!..
 Oh Ceos! podeis mandá-lo, ou permittí-lo?
 Sereis tambem crueis como os humanos?
 Condemnareis os mesmos, que soprastes,
 Sentimentos d'Amor, da Natureza?
 Para hum castigo tal quaes são meus crimes?...
 Se me queres punir, Deos de vingança,
 Os raios tens nas mãos, accende os raios,
 Meu terno coração reduzê ao nada;
 Mas d'outro coração, a que o ligaste,
 Separá-lo jámais... Ah! nem tu mesmo,
 Nem tu, que podes tudo, tanto podes...
 Que proferes, blasfema! Aos Ceos te atreves?...
 Oh virtude! Oh razão! Desamparais-me?...
 Onde, Ignez, onde está tua constancia?
 Aos teus deveres torna, entra em ti mesma.
 Orgão do Ser Supremo, hum Rei te ordena,
 Que do Esposo te apartes; não resistas;
 He força obedecer; enfrêa n'alma,
 Suffoca as afflicções, cala os queixumes:
 Co'as desgraças os crimes não mistures:
 Mas deixá-lo!... Ai de mim... Deixá-lo!... Agora,
 Agora he que eu conheço as furias tolas,
 Toda a força d'amor: elle triunfa
 Da razão, da virtude, e dos Ceos mesmos.

SCENA II.

IGNEZ E ELVIRA.

ELV. Senhora.. (Ai triste !.. o pranto me suffoca!
 e he certo que impias ordens te condemnão
 deixar Portugal, a triste Elvira,
 que protestou viver, morrer contigo,
 sempre junto ao teu lado, a qualquer parte
 que te arroje a sorte, ha de seguir-te :
 confio que esta graça me concedas.

IGN. Ah ! não venhas juntar aos meus pezares
 quadro da Amizade consternada ;
 para esmagar-me o coração sensível
 em basta Amor, a Natureza basta.
 Não posso resistir a tantos males,
 os golpes da saudade que retalhão
 a atribulada Ignez o peito afflicto.
 Mais pranto com teu pranto não me arranques,
 que a hum terno coração inda mais custão
 as lagrimas que move, que as que verte.

e mesmo o ser amado hum bem funesto,
 que exacerba a desgraça aos desgraçados.

ELV. He possível haver almas tão duras,
 que hum tão sensível coração flagellem !...
 Mas ah !... Porque aos pezares succumbimos ?
 Pedro he teu Esposo ; elle ha de oppôr-se

Defensor poderoso em teu soccorro ;
 Ha de frustrar da tyrannia as ordens ;
 Nelle pois confiemos : a excitá-lo
 Bastarão tuas lagrimas...

IGN.

Que dizes

Que terrivel idéa me despertas !
 Em vez de confortar-me, vens, Elvira,
 Abater-me a constancia, aconselhar-me
 A que contra seu Pai revolte hum filho ?...
 Ah ! não... Embora Ignez infeliz seja ;
 Mas nunca origem de rebeldes crimes :
 Amortecida já, mas inda accêsa
 Brilha a luz da razão dentro em minha alma,
 Não consitas, oh Ceo, que amor a apague ;
 Fortalece meu peito. Sim, eu devo ,
 Eu devo submetter-me ao meu destino :
 Cumprão-se as duras leis do duro fado.
 Amargurada irei longe do Esposo
 Acabar entre as garras da saudade...
 Porém os caros filhos... Ah ! comigo ,
 Comigo os levarei. Doces penhores
 Do mais constante amor, sereis ao menos
 Na minha adversidade terno allivio...
 Entre os meus braços sempre, sempre unidos
 Da inconsolavel Mãe ao peito anciado.
 Cobertos de caricias, de suspiros,
 Banhados com meu pranto, em seus semblantes
 O semblante verei do esposo ausente.

prenderão de mim... Mas ah! Que digo!...
 Queria eu acaso, associando
 o pavoroso horror do meu destino
 o destino dos filhos innocentes,
 Colher sua ventura?... Não; entregues
 e seu Pai aos desvelos, abrigados
 e sua sombra fiquem; lembrem-lhe elles
 a miserrima Ignez continuamente...
 O retrato da Mãe nos filhos veja,
 que eu memorias do Esposo não careço,
 No coração gravada a sua imagem,
 ante os meus olhos sempre ha de seguir-me,
 Ha de, em quanto eu viver, viver comigo,
 E comigo baixar á sepultura.

SCENA III.

D. PEDRO, IGNEZ E ELVIRA (1).

PED. Ignez, querida Esposa... Mas que vejo!
 Debalde buscas enxugar teu pranto:
 Aos olhos de hum amante nada escapa.
 Impressa no teu rosto bem diviso
 As afflicções, que o coração me partem.

(1) Ignez, apenas vê D. Pedro, busca enxugar as lagrimas. Elvira affasta-se para o fundo da Scena, e pouco depois se retira.

Que motivo.. Mas devo eu perguntá-lo?
 Não sei assaz a origem dos teus males?...
 Eu sou, sim, sou eu mesmo o teu flagelo;
 Mas o teu defensor, o teu Esposo:
 Nada receies pois, nada te afflija...
 Porém as tuas lagrimas se dobrão?...
 Oh Ceos!...

IGN. Amado Esposo, não repares
 Não te afflijas co'as lagrimas que choro:
 As tuas expressões, tua presença
 Aggravão minha dor, meu pranto augmentão.
 Ah! pelos tristes olhos sahir deixa
 Meu coração em lagrimas desfeito.

PED. Antes em borbotões todo o meu sangue
 Eu quero ver correr do que o teu pranto.
 De tua alma desterra vãos temores,
 Extermina os pezares, não succumbas
 Aos males transitorios que te opprimem.
 Os caprichos do Fado, a desventura
 Calcaremos aos pés: sim, cara Esposa,
 Sempre unidos seremos venturosos.

IGN. Unidos, dizes tu?... Oh Ceos!.. Unidos?..

PED. Pois quem, quem poderia separar-nos?

IGN. O rigor.. Ai de mim! Que vou dizer-lhe?..
 Que raio a triste Ignez vai fulminar-te?...
 Poupar teu coração, oh Ceos! quizera;
 Porém eu a deixar-te não me atrevo,
 Sem que te diga adeos... Ah! caro Esposo!

Aperta-me em teus braços, e recebe
As minhas derradeiras despedidas.

PED. Que escuto!. Que acontece? Ignez, que dizes?

IGN. Para sempre de ti vou separar-me.

PED. Separar-te de mim!

IGN. Atroz conflicto!...

Caro Principe, Esposo, não te esqueças
Da desditosa Ignez... Mas ah! que digo!

Esquece-me se podes, sê ditoso;

Vive, vive feliz: eu só te rogo,

Que dos queridos filhos te encarregues;

Que affagues sua infancia, que os ampires;

Que os defendas da inveja, da impiedade:

Não cogites de mim, d'elles só cuida,

He forçoso ceder ás leis do Fado:

Longe de ti, mirrada de saudades,

Vou exhalar meus ultimos suspiros.

PED. Oh desesperação! Que idéa horrivel
Surge dentro em minha alma! Acaso eu tremo!)

Atrever-se-ha meu Pai...

IGN. Aos seus preceitos

Obedecer devemos: intimados

He forão já: de Portugal banida,

Partir devo hoje mesmo para Hespanha.

PED. Oh Furias! He possivel? Rei tyranno,

Não levarás ávante os teus projectos...

Nem elle, nem os Ceos, nem os Infernos

Poderão arrancar-te de meus braços.

Desenganá-lo vou, parto a fallar-lhe :
Trema o cruel de mim, se não revoga
A barbara sentença.

IGN. Oh Ceos ! Que fazes ?

SCENA IV.

D. PEDRO, IGNEZ E D. SANCHO.

SANC. Teu Pai, Senhor, te busca : tudo preste.
Para voltar á Corte... Mas que vejo !
Elle mesmo he que vem.

PED. Querida Esposa,
Retira-te, eu t'o rogo... Nada temas.

IGN. Eu me retiro, sim ; mas só te imploro,
Que te lembres que és filho, e que és vassallo.

PED. Mas Esposo tambem, que é mais que tudo

SCENA V.

D. AFFONSO, D. PEDRO E D. SANCHO.

AF. Então, quem nestes sitios te demora ?
Eia, segue-me já.

PED. Quem, eu !... Seguir-te ?...
Abandoná-la ! Não, não te obedeco.

AF. Que escuto, oh Ceos !

PED. Inda não disse tudo,

Attende-me, Senhor : he necessario
 Declarar-me contigo ; o véo se rasgue ;
 He tempo, he tempo em fim que me conheças.
 Entra em meu coração desesperado,
 De virtudes capaz, capaz de crimes,
 Se a crimes o excitar a tyrannia.
 Sabes que adoro Ignez, e projectavas
 Roubá-la ao meu amor ? Que infernal furia
 Te aconselha a punir huma innocente,
 Que he só culpada, se a virtude he crime ?
 E esperavas acaso que eu pudesse
 Cobarde tolerar seu menor damno,
 A injustiça maior, sem defendê-la,
 Sem oppôr-me aos designios da impiedade ?
 Eu fôra dos mortaes o mais abjecto,
 Se deixasse opprimir...

AF. Ah ! não prosigas,
 Immudece, rebelde. Não sei como
 Reprimir posso a colera... Que arrojo !
 Ousas tu murmurar dos meus Decretos !

PED. Não só murmuro, atrevo-me a frustrá-los.
 A razão, e os Ceos mesmos me authorisão,
 Defendendo a minha Esposa.

AF. A tua Esposa !...

PED. A minha Esposa, sim. Sabe que os laços
 Do sagrado consorcio a Ignez me ligão.
 Intentarias pois opprimí-la?...

AF. Não julgues illudir-me, não te creio :

A tão subtil ardil em vão recorres.

Que! Esposa de meu filho huma vassalla?...

PED. Huma vassalla, sim, para quem fôra
Do Mundo todo o Imperio inda pequeno :

Não duvides, Senhor. Que encontras nella
Que indigno de teu filho julgar possas?

Eu não quero fallar do Regio sangue,

Que, dos teus ascendentes derivado,

Lhe circula nas veias : outros dotes

Mais bellos, mais sublimes a ennobrecem :

Vassalla, a quem os Ceos prodigos derão

Todas as perfeições que os Ceos dar podem,

Para ser do teu filho digna Esposa,

Ser filha de Monarcha não precisa.

Se Ignez he virtuosa. que lhe falta?

Quem mais digna do Throno que a Virtude?

Mas dos seus predicados prescindamos.

Castro he minha Consorte, tanto basta;

He Princeza, por tal a reconhece,

E o decoro lhe guarda de que he digna.

AF. Sim, tratada será como merece...

Brevemente o verás.

PED. Olha o que fazes...

Não queiras constranger-me inexoravel

A perpetrar horriveis attentados :

Se como Pai benigno, e Rei clemente

Praticares comigo, has-de em mim sempre

Encontrar hum Vassallo respeitoso,

E hum filho obediente ; mas se acaso
 Insistes em roubar-me a cara Esposa,
 Hum mortal inimigo em mim contempla,
 Que cégo, furioso, e desesp'rado,
 Sem attender senão aos seus transportes,
 Será capaz de horrendos sacrilegios.
 Evitando-os, atalha huma injustiça ;
 Revoga pois a barbara sentença.

AF. Sim, por outra mais justa, revogada
 (Descança) ella vai ser. Espadanando
 Ha de em teu coração da infame o sangue
 As chammas apagar que te devorão.

PED. (1) Primeiro que o seu peito a ferir chegues,
 Hão de ser-me as entranhas arrancadas :
 Ha de em rios correr todo o meu sangue...
 E o teu sangue também, se for preciso.

AF. Oh Ceos !... Tremo de horror !...

SANC.

Senhor, que fazes ?

Ousas contra teu Pai ?

PED.

Ah ! que proferes ?

Pai ? Eu tenho inda Pai ?... (2) Não, não, tyranno,
 Tu meu Pai já não és : não sou teu filho...
 Hum cruel como tu... Porém que digo !...
 Com quem fallo ?... Onde estou ? Quem me arrebatou !
 O inferno, as furias todas me espedação...

(1) Desesperado.

(2) A D. Affonso, no mesmo frenetico arrebatamento.

Tu deves dar em mim ao Mundo inteiro.
 Salpicadas de sangue estas paredes,
 Que ouvirão minha voz blasfemadora,
 Aos seculos vindouros apregoem
 Meu lastimoso fim : ao vê-las tremão
 As Gerações futuras de imitar-me. (1)
 Eis-me a teus pés prostrado ; vibra o ferro ;
 Eis meu peito, retalha-o : não te lembres
 Que foste já meu Pai... sou delinquente :
 Lembra-te só que és Rei, castiga o crime.
 Porém... ah ! não flagelles a virtude...
 Se me deves punir comô culpado,
 Ignez como innocente absolver deves,
 Não me custa morrer ; porém não posso,
 Não posso consentir que Ignez padeça...
 Nem ha de padecer em quanto eu viva.
 Pretender separar-nos he debalde ;
 Té duvido que a morte possa tanto.. (2)
 Releva ao meu amor estes transportes... (3)
 Eu sou sensivel... amo... e sou amado.

Ar. Todos os meus sentidos perturbados,
 Cheio de ira, e de horror... nem fallar posso...
 Affastem-me da vista esse rebelde.
 Ao proximo Castello conduzido,

(1) Prostra-se aos pés de Affonso.

(2) Tornando em si.

(3) No tom mais pathetico.

Seja em prisão segura afferrolhado :
 Sua guarda, D. Sancho, eu te confio ;
 Em quanto justo, inexoravel,
 Em Conselho d'Estado não decido
 Qual ser deve o castigo de seus crimes,
 E o supplicio da infame, que os motiva.
 Treme do meu furor, malvado, treme :
 Este dia talvez, dia horroroso !
 Será na longa serie das idades,
 De eterno espanto a Portugal, e ao Mundo.

SCENA VI.

D. PEDRO E D. SANCHO.

PED. Inda mais horroroso do que pensas
 Certamente será, se não desistes
 De tão crueis designios. Que impiedade !
 O supplicio d'Ignez ! Da minha Esposa !...
 Como posso deixar de rebellar-me ?
 Como evitar hum crime necessario,
 Que o dever, e a ternura me prescrevem ?
 Hum crime disse ?... Ah, não ; longe os remorsos ;
 Defender huma Esposa não he crime ;
 Crime fôra deixá-la ao desamparo.
 Longe, maximas vãs, leis oppressivas,
 Que a tyrannia impoz sobre a ignorancia.
 Nada se deve aos Pais pela existencia :

Os desvelos depois, seus beneficios
São os titulos só que lhes conferem
A' nossa obediencia hum jus sagrado.

Meu coração revoga os seus direitos :
Arrependo-me só de arrepender-me
Pelos ter justamente sustentado.

Querias, Rei cruel, afferrolhar-me
Em segura prizão, para a teu salvo
Me poderes roubar a cara Esposa?...
Debalde o projectaste, não...

SANG. Deliras?...

Que intentos são os teus?... Resistir queres
A's ordens de teu Pai, que enfurecido...

SCENA VII.

D. PEDRO, D. SANCHO E D. IGNEZ.

IGN. Esposo, que fizeste?.. Oh Ceos, eu tremo!..
Da tua voz medonha horriveis écos
Inda nestas abobedas retumbão ;
De furor suffocado, o rosto em fogo,
Affonso espavorido, a longos brados
Chama pelos atrozes Conselheiros :
Certamente, faltando-lhe ao respeito,
Lhe exacerbaste as iras. Que fizeste?

PED. Menos inda talvez do que devia.
Não te importe o que fiz, faze o que digo.

As furias não receis do tyranno ;
 Vai subito buscar os tenros filhos,
 E dispõe-te a seguir-me.

IGN. Como!... Aonde?...

PED. Deixemos estes sitios, onde imperão
 A discordia, a injustiça, iniquidade.
 Evitemos o extremo dos horrores :
 Acompanha-me, Esposa, se não queres
 Ver-me inda parricida.

SANC. Oh Ceos !

IGN. Que insania?

Ah ! Que dizes ? Que intentas ?

PED. Defender-te,

E possuir-te em paz ; poupar-me ao crime.
 A tua vida, Ignez, ameaçar ousão ;
 Affonso pretendia encarcerar-me,
 Talvez para ordenar o teu supplicio :
 Atreveu-se a dizer-mo : he necessario
 Fugir-lhe, ou repellir com braço armado
 Seus barbaros designios : eia, vamos,
 Não te demores mais.

IGN. Eu desfalleço!...

Desgraçada!... Onde queres conduzir-me?

PED. Se necessario for, ao fim do Mundo :
 A meu lado segura, em qualquer parte
 Seremos venturosos ; ermas grutas,
 Morada simples de prazeres puros,
 Mais gratas nos serão que aureos Palacios,

Habitação fatal dos males todos.

IGN. Que me propões, Senhor! A voz me falta...

SANC. Ah, Príncipe! Contempla o precipicio
Em que vás despenhar-te, e a que me arrastas.
Responsavel por ti...

PED. A nada attendo. (1)

Podes tambem, querendo, acompanhar-nos.

Sim, eu te rogo, vem... De cãs coberto

Tens conhecido assaz o ar pestilente,

Que nas Côrtes costuma respirar-se,

Halito venenoso, que derramão

A traidora lisonja, a fraude, a intriga,

Que em torno aos Solios quasi sempre girão.

Longe de tanto horror, ah, vem ao menos

Gozar em paz o resto de teus dias.

SANC. Feliz eu, se hontem fosse o derradeiro!

Ab! Querias que proximo ao sepulchro

Fosse ao meu Rei traidor? Que encorresse

Para hum tal desatino?... Eu, que incumbido

Da tua educação (funesto emprego)

Por elle mesmo fui, socio seria

Em teus crimes, soffrendo qu'infringisse,

Teu dever!...

PED. Qual dever? Fúteis chimeras!

O primeiro dever he ser ditoso,

He seguir d'alma o natural instincto.

(1) Para D. Sancho.

Vamos querida Ignez.

IGN. Oh Deos! Que trance!...
Frenetico... ai de mim! Que premeditas?
Teu nome, tua gloria offuscar queres?
Seria a triste Ignez tão desgraçada,
Que, origem de teus crimes, tolerasse
A infamia de te ver por seu respeito
A Patria abandonar, e o Throno excelso?...
Ah, que diria o Mundo...

PED. Que diria?
Que o esplendor do Solio não deslumbra
Huma alma como a minha. Eu nada perco
Em deixá-lo por ti, não, cara Esposa;
Vale mais ser feliz, que ser Monarcha.

IGN. E póde ser feliz quem atropella
Da sociedade as leis, do sangue as vozes?
Ah! desiste, Senhor, de teus projectos;
Obcede ao teu Rei: jámais esperes,
Que eu approve, ou consinta os teus delirios:
Nem te deixo partir, nem te acompanho...
Eu não quero roubar a hum Pai seu Filho,
Nem tolher a ventura aos Lusitanos,
Privando-os do melhor dos seus Monarchas.
Se os meus rogos...

PED. Teus rogos são inuteis:
Que! recusas, Ignez, acompanhar-me?...
Ah, não vês nestes sitios horrorosos
Girar em torno a nós a morte, e os crimes!

IGN. He para os evitar que eu te não sigo.
A honra, a gloria valem mais que a vida.

Entre os crimes, e a morte, a morte escolho.

Mas ah! porque tão proxima a divisas?

Decretou-m'a teu Pai? Nada me encubras:

Abre elle já que em vinculo sagrado...

PED. Tudo lhe revelei: mas o tyranno,
Ninguendo não poder acreditar-me,

Orgulhoso, tenaz em seu capricho,

ameaçou-me... que horror! com teu supplicio;

Para a seu sabor poder julgar-te,

Em segura prizão manda encerrar-me

No proximo Castello. He pois forçoso...

IGN. Obedecer-lhe, sim.

PED. Obedecer-lhe?...

IGN. Indispensavel he, vai, caro Esposo;

Submisso aos Paternaes Regios preceitos,

Eu t'o rogo, Senhor, á prizão corre.

Outro meio não tens para salvar-me;

Em eu por outro meio a vida quero:

Outra vez t'o asseguro, eu não te sigo;

Eu mais conseguírás...

PED. Basta: não queres

Estes sitios deixar? Queres ver nelles

Erramados por mim rios de sangue?...

De huma austera virtude enthusiasmado

No parricidio, em fim, queres forçar-me?

Dis bem, a perpetrá-lo estou disposto.

Eu vou, sim, eu vou já...

IGN. Cruel, detem-te:
 Meus gemidos, meu pranto já não podem
 Mover-te o coração, domar-te as fúrias?
 Onde o imperio que Ignez tinha em tua alma?

PED. Não te cances, de balde são agora
 Teus rogos, o teu pranto, os teus gemidos:
 Este dia horroroso he consagrado
 A' desesperação, ao crime, á morte.
 Inflammado em meu peito, só com sangue
 Das fúrias o tição póde apagar-se.
 Impedir ninguem póde, nem tu mesma,
 Os golpes espantosos, que o meu braço
 Vai já descarregar.

IGN. Por mim começa:
 Rasga-me o coração, da Esposa o sangue
 Seja o primeiro sangue que derrames;
 E se elle não bastar a saciar-te,
 Aos sacrilegios todos te arremeça...
 Que horror! Nem ousos em ti fitar meus olhos.
 És tu? Não, tu não és o meu Esposo;
 O meu Esposo detestava os crimes:
 Eu amava hum Consorte virtuoso;
 Virtudes já não tens, já te não amo.
 Vai, monstro sanguinario... Mas que disse?
 Eu deixar de te amar? Não me acredites:
 O terno coração desmente as vozes,
 Que, a meu pezar, de ouvir-te horrorisada,

Sem tino proferi... Olha o meu pranto. (1)

Abatida a teus pés, co'elles me abraço...

Ou tu has de ceder aos meus lamentos,

Ou ver-me aqui morrer, e aos pés calcar-me.

PED. Oh Ceos!... Querida Esposa. (2)

IGN. Eu não te deixo,

D'aqui me não levanto, sem primeiro

De tua alma banir as negras furias;

Sem que tu me promettas obediente

Ir subito cumprir as Regias ordens.

Ah! se tu amas inda as minhas preces,

Não has de resistir...

PED. Nem já resisto. (3)

Deixar de obedecer-te, ah, quem, quem póde!...

Para a prizão já parto. (4) Amigo, vamos. (5)

Poderás duvidar inda do imperio

Que em meu coração tens?

IGN. Oh Deos! Conforto! (6)

Não me retalhes mais o peito afflicto. (7)

A' trémula razão cede a ternura;

(1) Prostra-se, e abraça-se com os pés de D. Pedro.

(2) Enternecido, querendo levantar D. Ignez.

(3) Levanta D. Ignez.

(4) A D. Sancho.

(5) Voltando-se para D. Ignez, e com a maior ternura.

(6) Voltando-se ternissimamente.

(7) Affectando tranquillidade.

Não te demores mais...

PED.

Mas tu...

IGN.

Socega ;

Nada temas por mim : o Ceo me inspira
 Os meios de abrandar de Affonso as iras.
 Irei c'os filhos a seus pés prostrar-me :
 Ninguem resiste á voz da natureza :
 Por mais duro que seja o seu character,
 Se tem hum coração, ao ver os Netos
 Abraçados em mim, chorar comigo,
 Não poderá deixar de commover-se,
 De perdoar-me em fim ; nada receis.
 Adeos, Esposo, adeos. (1)

PED.

Ceos ! que supplicio !

(1) Muito a seu pezar precipitadamente se retira.





ACTO IV.

SCENA I.

COELHO E. PACHECO.

COEL. Vão decidir-se em fim nossos destinos :

Este o dia arriscado, em que a fortuna

Segura mão nos dá, ou nos despenha :

Ou morre Ignez de Castro, ou nos perdemos.

Resolutos a tudo, he necessario

Os p'rigos affrontar ; deve hum Valido,

No cume da grandeza vigilante,

Aos Adversarios seus tramando a ruina,

Primeiro que o derrubem, derrubá-los ;

O futuro prever, prever a intriga,

E déstro em conhecê-la, e manejá-la,

A vida antes perder que o valimento.

Nosso plano atéqui tem produzido

O desejado effeito. Affonso irado,

O principe em prizão, tudo parece
 Prometter-nos hum exito ditoso.
 Tens tu já previnido, alliciado
 Os poucos Conselheiros, que nos restão?
 Constantes votarão de Ignez a morte?

PACH. Apenas lh'o propuz, m'o assegurárão;
 Dependentes de nós em gráo mais baixo,
 A hum leve aceno autómatos flexiveis,
 Echos da nossa voz, a nosso grado
 Amoldando-se a tudo, a tudo prestes,
 Servir nossos caprichos tem por gloria.
 Entre todos D. Sancho unicamente
 Velho estoico, singelo em demazia,
 Que as honras, e os empregos menoscaba,
 Poderá combater nossos designios;
 Mas Alvaro Gonçaves, que se int'ressa
 Igualmente que nós d'Ignez na morte,
 Se incumbio de sondá-lo, e persuadí-lo.

COEL. Desnecessario he, que, encarregado
 Da guarda de D. Pedro, elle não póde
 Ao Conselho assistir. Nada mais resta
 Do que azedar a cólera de Affonso,
 Dar-lhe a beber na taça da Justiça
 Adoçado veneno, que o perturbe,
 E a voz da compaixão d'alma lhe affaste.
 Convém não perder tempo: aproveitemos
 Propicia occasião, que fugir póde:
 Vamos...

PACH. (1) Espera...

COEL. Que! tu desfalleces!

PACH. Confesso que algum tanto perturbado
O coração não sei que me annuncia...

Calculemos melhor sobre o futuro.

Inda mesmo suppondo inevitavel,

Suscitada por nós, de Castro a morte,

He de temer que o Principe ferido

Na parte mais sensivel da sua alma,

Raivandô inexoravel, desesp'rado,

Sobre nós descarregue atroz vingança.

Quem poderá suster?...

COEL. Tarde receias :

Nas bordas já do aberto precipicio,

He preciso transpô-lo, ou cahir nelle :

Retroceder o passo não podêmos.

Assaz já sabe o Principe quaes sejam

As nossas intenções, nossos conselhos ;

Seu odio contra nós he já sobejo.

Que lucraremos pois, se ora cobardes

Da começada empreza desistirmos?...

Apressar nossa ruina, exacerba-la?

Se foi razão bastante a conspirar-nos

Contra a vida de Ignêz, justo receio

De ver hum dia alçada sobre o Throno

A Irmã de nossos feros inimigos,

(1) Pensativo.

Que em nosso damno então fartar podessem
 A perpetua aversão que nos jurarão ;
 Se a nossa ruina assim era infallivel ;
 Quanto mais o será tendo attrahido
 Do Principe o rancor !... Proseguir firmes
 He sómente o recurso que nos resta.
 Morta Ignez, com o tempo talvez possa
 O Principe, esquecendo-a, sujeitar-se
 Ao Consorcio, que Affonso lhe prescreve,
 E, apagada a paixão, ver-nos sem odio.
 Ou victima talvez d'amor infausto,
 De saudades mirrado, não podendo
 Sobreviver a Ignez idolatra,
 D'Ignez á sepultura a dor o arraste.
 Affonso ha de entretanto defender-nos,
 E se acaso abortarem finalmente
 Nossos designios todos, então mesmo
 Não me hei de arrepender de os ter forjado :
 Antes quero morrer, inda o repito,
 Do que ser por meus émulos calçado,
 Contemplados Irmãos d'huma Rainha.

PACH. Sentimentos iguaes me fervem n'alma :
 Eia, tudo se arrisque : prosigamos ;
 Descarregue-se o golpe derradeiro,
 Inda que, errando-o, sobre nós desfeche.
 Eu parto a congregar os Conselheiros,
 Segurar inda mais todos os votos ;
 E tu no emtanto ao Rei procura, e move :

Sua colera atiza ; que não tardo,
Juntos os do Conselho, a vir chamá-lo.

COEL. Bem: não poupes promessas, nem t'esqueça
Desculpar ante o Rei sempre a D. Pedro,
Fazendo recahir de seus arrojós
Sobre Ignez tão sómente a culpa toda.
Affonso para aqui dirige os passos...
Não percas tempo, vai.

SCENA II.

D. AFFONSO (1) E COELHO.

AF. Cruéis remorsos!

Horroroso castigo de meus crimes!...

Infeliz Pai!... Monarcha desgraçado!

COEL. Releva-me, Senhor, que ouse, pungido
Da dor, em que o meu Rei vejo abysmado,
Recordar-te que debes mitigá-la.

Tua vida, Senhor, não he só tua,

Do teu Povo he tambem : ah não, não queiras
A' força de afflicções abreviar-lh'a.

Sei quanto custa a hum Rei ouvir blasfemias

De hum filho, que feroz o não respeita :

Mas debes ponderar que hum tal arrojó

Tão desculpavel he, quanto he violenta

A funesta paixão, de que instigado

(1) D. Affonso entra na Scena pensativo.

Teu filho, a seu pezar, o perpetrára ;
 Delicto involuntario...

AF.

O seu delicto

Não he só filho da paixão que o céga ;
 Força maior o arrasta aos sacrilegios :
 Mais que o seu impio arrojo, o que me afflige,
 He ver que assaz mereço hum tal castigo,
 Das maldições celestes justo effeito.
 Oh remorsos crueis !... Era forçoso
 Que hum filho de tal Pai fosse rebelde.
 Mais do que elle rebelde, filho ingrato
 Eu fui, eu fui tambem... Ardendo em furia
 Atrevi-me, que horror ! a tomar armas
 Contra Diniz meu Pai : movi-lhe a guerra,
 Sublevei-lhe os vassallos, assolei-os :
 Cavei-lhe assim feroz a sepultura ;
 Todas as leis calquei da Natureza,
 A Natureza agora quer vingar-se.
 De hum Pai, que contra o Pai se revoltára,
 És, sim, filho rebelde, és digno filho !
 Mais me soffreo Diniz do que eu te soffro ;
 Mas tu has de igualar meus attentados,
 Inda os has de exceder ; talvez já tardas !
 Nem vós podeis, ó Ceos, jámais impunes
 Sacrilegios deixar tão execrandos.
 Dos Avós implacaveis vingadores
 São, por justo castigo, quasi sempre
 Máos filhos os do Pai, que foi máo filho.

Diniz! Grande Diniz! Sombra iracunda!
 Ferrivel sombra, que ante mim voltêas!
 Sobre a minha cabeça criminosa,
 Por mão do ousado neto, descarrega
 O já tardio, merecido golpe...
 Ah! sim... bem vejo... ameaçador me apontas
 O tremendo futuro, que m'espera...
 Que flagello! Que horror! Que mar de sangue!...
 Tristes vassallos meus! Ah filho! filho!
 Suspende...

COEL. Que delirio te arreбата!...
 Teu grande coração sentir não deve
 Remorsos, que aos malvados só competem:
 Passadas, leves faltas não recordes;
 Males não temas, que atalhar bem podes.

AF. Porque não vens, ó morte, alliviar-me
 Do pezo da existencia, e de meus crimes!

COEL. Que seria de nós, se os Ceos te ouvissem?
 Em desordens submerso, dessolado,
 Comtigo Portugal acabaria.
 Os clamores escuta do teu Povo,
 Conserva-lhe o seu Rei; tão necessario
 A teus tristes Vassallos jámais foste:
 De mil calamidades ameaçados,
 Só lhes póde valer tua justiça.

AE. E como? De que modo evitar posso
 Desordens, que a mim mesmo me soçobráo?

COEL. Do mal a causa extincta, o mal expira.

Extingue a causa pois de tantos males :
 Em quanto existir Castro, que os fomenta,
 Debalde intentarás dar-lhe o remedio.

AF. Que dizes ! Condemnar Ignez á morte ?
 Tão graves são os seus crimes, que mereção...

COEL. Os seus crimes, Senhor.. Ah! por desgraça
 Nunca o Mundo vio crimes que brotassem
 Tão funestas, horriveis consequencias :
 Desnecessario julgo referi-las ;
 Tu bem as sabes, pois assaz te affligem.
 Do Principe artilosa seductora,
 Se teu filho he rebelde, se he blasfemo,
 Quem, senão ella, o fórça aos sacrilegios !
 Não vacilles, Senhor, o seu supplicio
 Chega a ser, mais que justo, indispensavel.
 Mas não basta o que eu digo a condemná-la :
 Tens melhores, mais sabios Conselheiros,
 Que juntar já mandaste ; ouve os seus votos :
 Que se elles zelo igual ao que me inflamma,
 Por ti, pelo bem público, tiverem,
 Hão de todos unanimes rogar-te,
 Que o supplicio de Ignez logo decretes :
 Pintar-te co'as mais negras, proprias côres
 De Portugal a ruina, se o dilatas ;
 As dissensões crueis, a horrivel guerra,
 Que a vingativa Hespanha vai mover-nos,
 E de que os teus Vassallos, fatigados
 Das recentes batalhas, já murmurão.

A Viuva, que o Esposo perdeu nellas,
 Não quer perder agora o caro filho,
 Nem o filho, que em lucto inda o Pai chora,
 Desamparando a Mãe, expôr-se á morte.

Finalmente, Senhor, tudo te brada
 Que sacrifiques huma a tantas vidas ;
 Que deixes ao futuro eterno exemplo,
 Para que ninguem mais seduzir ouse,
 A imitação de Ignez, corações Regios.

AF. Se assim o exige o publico socego,
 O Conselho decida o que for justo,
 Que eu afficto não sei o que obrar deva.

COEL. (1) Que vejo! Ignez!... He muito! Inda
 se atreve

A vir apparecer-te?... Ah, melhor fôra
 Retirar-te, Senhor, sem dar-lhe ouvidos.

AF. Vamos, sim... Porém não, devo escutá-la,
 COEL. Talvez os do Conselho já te esperem.

AF. Vai tu juntar-te a elles, que eu não tardo.

SCENA III.

D. AFFONSO, IGNEZ, ELVIRA E OS MENINOS.

IGN. Chegai, filhos, chegai, vinde prostrar-vos
 os pés de vosso Avô; vinde beijar-lhe

(1) Avistando Ignez ainda fora da Scena.

Pela primeira vez a Mão Augusta. (1)
 Eis, ó Senhor, os filhos de teu filho,
 Que vem com tristes lagrimas rogar-te,
 Que desta triste Mãi te compadeças.
 Chorai, chorai comigo, tristes filhos,
 Intercedei por mim com vosso pranto,
 Pranto mais expressivo do que as vozes,
 Que a vossa tenra infancia não permite :
 Ajudai meus lamentos, minhas preces,
 Impetrai meu perdão. Sim, Rei clemente,
 Eis a Mãi desgraçada de teus Netos,
 Que abraçada com elles te supplica,
 Que a misérrima vida lhe conserves.
 Sei que vai decretar-se o meu supplicio !
 Alvo da intriga, victima da Inveja,
 Temorosa, infeliz, desamparada,
 A morte já diviso, a injusta morte,
 Que raivosos, tyrannos Conselheiros,
 Illudindo a piedade de tua alma,
 Fulminão contra mim... Que atrocidade !...
 Por que enormes delictos sou punida ?
 Amar, Senhor, teu filho, e ser amada,
 Crime acaso será digno de morte ?
 Imploro, ousou attestar tua justiça.
 Ah ! consulta, Senhor, tua clemencia,

(1) Prostra-se com os meninos aos pés de Affonso, e Elvira se retira.

Teu coração consulta, que elle mesmo
Te ha de dizer que a morte não mereço.

AF. Levanta-te, infeliz. (1) Oh Natureza! (2)
Oh de hum Monarcha rigidos deveres!...
Levanta-te, infeliz... (3) Funesta origem
Das crueis afflicções que me consternão...
Ao ver-te me enfureço... e me commovo...
O Pai quer perdoar-te... o Rei não póde.

IGN. Ah Senhor! Perdoar aos desgraçados
He dos Reis o poder mais doce e augusto:
Sim, do teu coração segue os impulsos;
Triumfe a compaixão, e a natureza,
Não te has de arrepender por ser piedoso;
Antes porém, se á morte me condemnas,
Hão de eternos remorsos flagellar-te,
Incessantes angustias consumir-te:
De Portugal a gloria, as esperanças
Vão sobre a minha campa espedaçar-se.
Verás por ti mandado á sepultura
Comigo, a teu pezar, descer teu filho.
Matando-me, Senhor, ah, vê que o matas!
Os nossos corações, unidos ambos,
Tão ligados estão, que o mesmo golpe
Que retalhar o meu, traspassa o d'elle;

(1) Enternecido.

(2) Vai abraçar os Netos, volta o rosto afflicto, e exclama.

(3) Levanta Ignez.

Existir hum sem outro não podêmos...
 Por elle, e não por mim t'imploro a vida.
 Sim, (1) de rojo outra vez torno a abraçar-me
 Com tuas Regias Plantas. Tem piedade
 Da esposa de teu filho. Ah, se não fossem
 Estas doces prisões, que me constroem
 A viver infeliz, e amar a vida,
 Longe de instar por ella, seim queixar-me,
 Tranquilla recebêra o fatal golpe...
 Mas deixar para sempre o que mais amo!
 Sou Esposa, sou Mãe... Deos! desfalleço! (2)
 Queridos filhos... desgraçados orphãos!...
 E que será de vós quando vos falte
 A mais terna das Mães, o Pai mais terno!...
 Ah Senhor! se inflexivel ao meu pranto,
 A minha situação te não commove,
 Presta ouvidos á voz da Natureza:
 Mova-te a compaixão o desamparo
 D'estas victimas tenras, e innocentes:
 Elles culpa não tem dos meus delictos.
 Não te lumbres, Senhor, que são meus filhos;
 Ah, não: lembra-te só que são teus netos...
 Mas tu choras? Que vejo! Os Ceos me ouvirão:
 Tuas lagrimas vem em meu soccorro,

(1) Prostra-se outra vez aos pés de Affonso.

(2) Abraça os filhos com a maior ternura, e afflicção.

Ellas o meu perdão já me annuncião.
Acaba de extinguir os meus temores,
Dize, dize, Senhor, que me perdoas.

AF. Não posso resistir... Oh quem podéra
Neste instante deixar de ser Monarcha!

SCENA IV.

D. AFFONSO, IGNEZ, SEUS FILHOS E COELHO.

COEL. Por ti, Senhor, se espera, vem, não tardes;
Que já começa o Povo a amotinar-se.

IGN. Oh Deos! Eu morro!

AF. Ignez, não desesperes.

Inflexivel não sou : meu pranto o affirma ;
Mas não posso faltar aos meus deveres ;
Não sou senhor de mim, tenho vassallos ;
Perante elles, perante os Ceos e a Terra,
De tudo quanto obrar sou responsavel ;
Despotico não sou ; mas sou piedoso.
Tens Affonso por ti, nelle confia :
Ao Conselho d'Estado vou eu mesmo
Tua causa advogar. Ceos, inspirai-me.

(1) Ignez, apenas avista Coelho, levanta-se atemorizada.

SCENA V.

IGNEZ E SEUS FILHOS.

IGN. Debalde seductoras esperanças
 Por mais tempo illudir-me já não podem.
 O coração me augura que he chegado,
 De meus dias o termo desastroso.
 Sim, proximos estais, queridos filhos,
 A perder vossa Mãi... vinde a meus braços...
 Em breve... ai triste!... em breve hão de faltavos
 Os maternas, ternissimos affagos...
 Para sempre vos deixo... para sempre...
 Cruel separação!... dor insoffrivel!...
 Horrorosos momentos! Ceos!... Nem posso;
 Nem me atrevo... ai de mim! a ver meus filhos:
 Quanto mais os contemplo, mais me afflijo...
 De todo sinto já faltar-me o alento...
 O coração rebenta... que anciedade!...
 Ah! parece que a morte... ella já chega...
 A descarnada mão... que horror! Espera...
 Suspende, ó Morte... deixa que primeiro...
 Meus filhos onde estão?... Quero inda vê-los...
 Cruéis, não m'os roubeis... Antes que morra,
 Ao menos huma vez quero abraçá-los.
 Quem se atreve a arrancá-los de meu peito?
 Ah barbaros!.. Meu sangue.. Esposo? Esposo?...

Onde estás, que não vens em meu soccorro?...
Mas em vão... Já he tarde... a sepultura...

SCENA VI.

IGNEZ, SEUS FILHOS E ELVIRA.

ELV. Que vejo, oh Deos! (1)

IGN. Abertos os abysmos... (2)

ELV. Ignez... (que magoa!) Ignez...

IGN. Que !... Quem me chama?...

Ès tu, Constança? ès tu, que vens ainda
Da habitação da morte perseguir-me?

ELV. Torna, Senhora, em ti... Já não conheces,
Não vês a triste Elvira?...

IGN. Quem !... Elvira...

Ès tu? Aonde estou?... Ah, que me queres?

ELV. Mitigar tua dor, chamar-te á vida.
Os alentos recobra, as esperanças;
Serás inda feliz, verás em breve
Trocados em prazer os teus pezares.

IGN. Prazeres para mim !... ah !...

ELV. Que! não viste
As lagrimas do Rei, que o teu indulto

(1) Corre para Ignez.

(2) Delirante ainda.

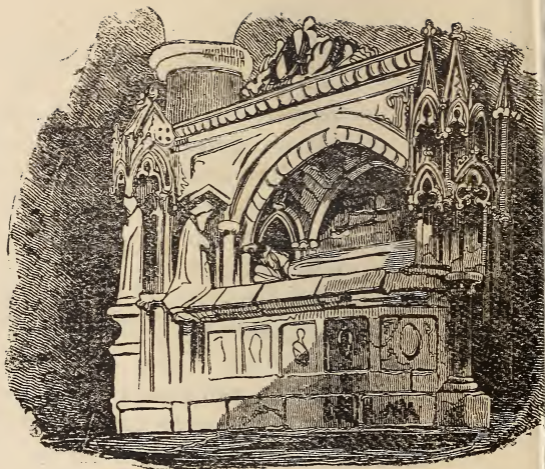
No enternecido aspecto promettia ?

IGN. Qual quimerico indulto!... Nada esperes :
 Que importão suas lagrimas, que importa
 Que perdoar-me queira, se o rodêão
 Vis Cortezãos, escandalo do Throno,
 Algozes da innocencia, féros monstros,
 Sedentos do meu sangue, que arditos
 Seu coração benigno senhorêão ?
 Elvira, a minha morte he infallivel ;
 Pouco póde tardar : antes que chegue,
 Toma, toma estes orphãos innocentes,
 Conduze-os á prizão ao meu Esposo ;
 Entrega ao triste Pai os tristes filhos,
 E dize-lhe que Ignez... Mas ah, que faço ? . .
 Retalhar quero do consorte o peito ?
 Co' a noticia fatal da minha morte
 O mortifero golpe anticipar-lhe?...
 Ah, não : bem basta que de dor expire
 Quando entrar nesta lugubre morada.
 Onde chamando em vão a extincta Esposa,
 Tristes eccos sómente lhes respondão ;
 E tintas as paredes do meu sangue,
 Luctuosos vestigios da consorte
 A cada passo espavorido encontre.
 Então, Elvira, então he que eu te rogo
 Lhe digas... (1) Ah, parece que ouço passos...

(1) Olhando atemorizada em volta da Scena.

erão talvez meus barbaros verdugos...
ue cheios de furor, ardendo em raiva
enhão cevar-se no meu sangue?... Ai triste!...
i-los que chegão.. não m'engano... Elvira!
amos na minha camara encerrar-nos :
á melhor poderei recommendar-te
que exijo de ti; sim, vamos, filhos,
uero morrer ao menos junto ao leito,
ue tem sido até agora testemunha
venvenados, rapidos prazeres,
os continuos remorsos do meu crime,
as minhas afflicções, e do meu pranto.





ACTO V.

SCENA I.

D. AFFONSO.

Que afflicção, que tumulto n'alma sinto !
Vacillante, confuso, atribulado,
Mal posso respirar. Ceos ! que tormento !
D'hum lado a compaixão, d'outra a Justiça...
Formidavel Justiça ! Em fim venceste.
Satisfeito estarás, de ver tyranno...

O supplicio de Ignez... Oh Deos, e pude,
 Tremendo, subscrever da sua morte
 A rigida sentença!... Eu me horroriso :
 Dentro em meu coração queixosas sinto
 Bradar a compaixão, e a natureza...
 Que! surdo á sua voz, consentir devo,
 Que á morte, a meu pezar, sevéramente
 Seja a Mãi de meus Netos condemnada?
 E por que crimes? Por amar meu Filho?
 Ah, não : he tempo ainda ; revoguemos
 A sentença cruel... Porém que faço?...
 O público socego, o bem do Estado,
 O popular clamor, o exemplo, tudo,
 Tudo em fim contra a triste me constrange,
 E me estorva o prazer de perdoar-lhe.
 Ah! dura condição? Pesado Sceptro,
 E haverá quem dos Reis inveje a sorte?
 Tormentoso lugar terrivel Solio,
 Assento d'afflicções e de amargura ;
 Desgraçados aquelles que te occupão !

SCENA II.

D. AFFONSO E D. SANCHO.

SANC. Ah Senhor! Se teu filho inda te he caro,
 Se não queres privar os Lusitanos

Do herdeiro augusto de teu Throno, e gloria ;
 Não percas tempo, evita, remedeia
 A desesperação que o assassina.

Eu conter já não posso os seus transportes,
 Nem vêr as afflicções que o despedação :

Humas vezes convulso, delirante,

Scintilando furor, acceso em raiva,

Morde, intenta romper os duros ferros

Da prisão, que o retêm ; blasfêma, e brama :

Consternado outras vezes, abatido,

Em profundo lethargo, entre agonias,

Os olhos razos d'agua, o peito anciado,

Succumbe á sua dor, cae, desfallece.

Eis que subito agora por mim chama :

« Vai, amigo, (me diz) corre apressado,

» Saber da minha Esposa, e de meus filhos.

» Certamente os perversos Conselheiros

» Ousárão conspirar contra os seus dias :

» Ah, procura meu Pai, por mim lhe falla ;

» Por mim de Ignez o indulto lhe supplica ;

» O estado em que me vês lhe representa :

» E se elle persistir inexoravel,

» Protesta-lhe por mim... » Ah ! nem me atrevo

A referir-te...

AF.

Basta : não augmentes

A minha confusão : oh Deos !

SANG.

Perdoa :

Tu silencio me impões; mas eu não posso,
 Não posso obedecer-te; o grande risco,
 Em que os dias do Principe contemplo,
 O amor que lhe consagro, não permittem
 Que eu cesse de clamar-te que perdoes
 A' miseranda Ignez, de cuja vida
 A vida de teu filho está pendente.
 Ignez já agora he de D. Pedro Esposa...
 E até digna de o ser. Não acredites
 Damnados corações; que seus contrarios,
 D'inveja, d'ambição, de rancor cheios,
 Intentão denegrir o seu character.
 Vê, meu Rei, que te illudem; crer-me debes
 Por meus labios fallou sempre a verdade.
 Ignez huma alma tem singella, e nobre,
 Sensivel de sobejo, a amar propensa:
 Não pôde resistir a amar teu filho:
 Seu delicto he só este, não tem outro;
 D'outros não he capaz, e um tal delicto,
 Quando tantas virtudes o acompanhão,
 He digno de perdão, he desculpavel. (1)
 Perdoa-lhe, meu Rei, não diga o Mundo,
 Que inflexivel, severo em demazia,
 Nem de teu filho á Esposa perdoaste.

(1) Prostra-se aos pés de D. Affonso.

AF. (1. Não, não ha de dizer (2). Oh lá, D. Nuno! (3)
Deixar eu de ser Pai por ser Monarcha?
Ah! não.

SCENA III.

D. AFFONSO, D. SANCHO E D. NUNO.

NUN. Que determinas?

AF. Apressado

Parte em busca de Ignez; aqui m'a envia;
E aos duros Conselheiros participa,
Que a sentença revogo; a Ignez perdôo.

SANC. Graças, benigno Rei!...

NUN. (4) Oh feliz Castro!

Já proxima ao sepulchro á vida tornas.

SCENA IV.

D. AFFONSO E D. SANCHO.

SANC. Que escuto! A' morte já sentenciada!...

AF. Longe de nós lembrança tão funesta.

(1) Depois de pensar hum pouco.

(2) Chamando para dentro da Scena.

(3) Comsigo mesmo.

(4) Partindo.

O Príncipe vai pôr em liberdade :
 Que me venha abraçar ; Ignez he sua.

SANC. Que jubilo ! (1) Ah Senhor ! Deixa que eu
 banhe

Tua mão generosa com meu pranto,
 Suave pranto, que o prazer me arranca. (2)
 Eu vou... Sim ; a alegria azas m'empresta :
 Vou levar a D. Pedro a feliz nova,
 Restituir-lhe vou a paz, e a vida.

SCENA V.

D. AFFONSO.

Oh mil vezes feliz todo o que póde
 Venturosos fazer os desgraçados !...
 Desafogado o coração já sinto...
 Hum Rei sómente he Rei quando perdoa.
 Minha alma d'antemão já saborêa
 O jubilo de Ignez, e de meu filho,
 D'hum, e d'outro os abraços, os transportes,
 A innocente alegria de meus netos...
 Delicia dos mortaes, oh Natureza !
 Cedão as tuas leis ás mais leis todas.

(1) Prostra-se, e beija a mão do Rei.

(2) Levanta-se.

SCENA VI.

D. AFFONSO E O EMBAIXADOR.

EMB. Conduído, Senhor, da infeliz Castro,
 Reléva que eu me atreva a supplicar-te,
 Que a decretada morte lhe perdões :
 Eu sei que a teu pezar foi condemnada,
 Satisfação que dás ao meu Monarcha,
 Quando elle certamente, persuadido
 Da tua fidelissima amizade,
 Não quererá, Senhor, que lh'a confirmes
 Com o sangue de Ignez, que he seu sangue.
 Atrevo-me em seu nome assegurar-t'ó,
 Rogando-te pratiques generoso
 A piedade que he propria da tua alma.

AR. Muito folgo de vêr teus sentimentos
 Tão conformes aos meus ; sim, eu espero,
 Que o teu Rei me não culpe de piedoso.
 A Ignez já perdoei ; fiz mais ainda ;
 Reconheci-a de meu filho Esposa.
 Não me atrevo a romper o nó sagrado,
 Em que Hymenêo, e Amor os enlaçava,
 Ignorado por mim, quando sincero
 O Tratado firmei, que promettia
 Com Beatriz de meu Filho os Desposorios.

Deves pois ao teu Rei fazer sciente,
 Das razões poderosas que os estorvão ;
 E por mim segurar-lhe ao mesmo tempo
 Constante, inalteravel amizade.

EMB. Teu leal proceder, as razões todas
 Que a decidir assim te constrangêrão,
 Lhe exporei fielmente, e não duvides
 Que tal resolução lhe agrade, e a louve

AF. Dictou-m'a o coração, e de abraçá-la
 Não me hei de arrepender : nunca a piedade
 Póde manchar as purpuras : se o Mundo
 De Bruto inda com pasmo escuta o nome,
 Mais saudoso de Tito o nome adora.
 Porém que vejo!.. oh Ceos!.. D. Nuno em pranto..

SCENA VII.

OS DITOS E D. NUNO.

NUN. Oh fereza!.. Oh desgraça!..

AF. Que acontece?...

NUN. A dôr, e o pranto as expressões me tolhem..
 Cheguei tarde, Senhor... Ignez...

AF. He morta?..

NUN. Brevemente o será.

AMB. Oh Deos! ..

NUN. Debalde

A' misera e mesquinha perdoaste :
De seu preclaro sangue sequiosos,
Os ministros crueis se anticiparão...

AF. Oh detestaveis, sanguinarios monstros!
E podestes... acaba.

NUN. Mensageiro

Da piedosa faustissima noticia,
A' Camara de Ignez veloz caminho ;
Pouco distante já de seus lamentos
Parece que as abobadas gemião :
Acceléro inda mais ligeiros passos,
E ao tempo que os crueis descarregvão
Sobre o peito d'Ignez os duros golpes,
Entro... (que horror!) perdão, perdão. exclamo.
A' palavra *perdão* os impios tremem,
E até da mão os ferros lhes cahirão :
Em vão porém ; que o sangue já corria.
Servirão só meus gritos de que fosse
A ferida talvez menos profunda.
Então Coelho, e Pacheco, estatuas ambos,
Como espantados do seu crime horrendo,
Sem proferir palavra largo tempo,
Olhando hum para o outro espavoridos,
Apenas a final dizer poderão :
« Não ha mais que hum recurso ; eia, fujamos ; »
E subito os crueis desapparecem.
Ignez desfallecida, mal ouvira

Que tu lhe perdoáras, levantando
 As mãos aos Ceos, e os macerados olhos,
 Mil vezes te bemdiz, por ti mil vezes
 Aos Ceos envia fervorosas preces.
 Cheia de gratidão, inda o seu rosto
 Entre as sombras da morte parecia
 Que ao proferir teu nome s'alegrava ;
 Em quanto as tristes damas, que a rodeião,
 O sangue de seu peito estancar buscão,
 « Por ultimo favor (lhes diz) imploro,
 » Que á presença d'Affonso me conduzão ;
 » Inda quero ir beijar-lhe a mão clemente,
 » E a seus pés expirar agradecida. »
 C'os filhinhos ao lado a malfadada,
 Boscando-te, Senhor, para estes sitios
 Já com tremulos passos se encaminha.

AF. Oh destino !... Oh fereza ! infeliz Castro !..
 Filho infeliz!... Mais infeliz... do que ambos,
 Atribulado Pai!... Todos os males,
 As furias, as desgraças, e os remorsos
 Desde o berço ao sepulchro me acompanhão.
 Nasci para flagello dos humanos,
 Para opprobrio nasci da natureza :
 Portugal, dos seus Reis na clara historia,
 Chamará com razão ao quarto Affonso
 Mão Irmão, Filho ingrato, e Pai tyranno.
 O culpado sou eu de Iguez na morte,

E por ultima graça me concede,
Que inda antes d'expirar meu Pai te chame.

AF. Chama-me o teu algoz : não queiras dar-me
O doce nome que me não compete :

Bem quizera eu tambem chamar-te Filha :...

Mas não me atrevo, não ; a Natureza,

Se visse por meus labios profanado

Nome tão deleitoso, estremecêra...

Teu sangue está bradando ; tu só deves

O cruel detestar, que te assassina ;

Mas bem vingada estás ; mais desgraçado

Mil vezes do que tu, mil mortes soffro.

Ah, poupa ao teu verdugo o horror de ver-te

Exhalar d'alma os ultimos arrancos...

Eu vou, sim, porque até minha presença

Deve ser a teus olhos odiosa. (1)

Ninguém me siga, ah, não ; deixem-me todos,

Fujão todos de mim ; quero esconder-me

A todos os viventes, té que possa

Nos abysmos sumir-me para sempre. (2)

(1) Vai a partir, e vendo que D. Numo o quer acompanhar, volta-se, e diz :

(2) Parte arrebatadamente.

SCENA IX.

OS MESMOS, EXCEPTO AFFONSO.

IGN. Ah Senhor!.. mais debalde; não me attende
 Inda mais este golpe!... Não me custão
 As suas afflicções menos que a morte...
 Oh quantos desgraçados tenho feito!
 O triste Pai, o Esposo... Ai! triste Esposo!...
 E que será de ti!... Lembrança horrivel!..
 D. Nuno, Elvira, confortai-o todos,
 A' sua dor buscai dar lenitivo...
 Ah, s'eu podesse ao menos vê-lo ainda...
 Morrêra satisfeita... Ceos! já sinto
 A agonia da morte... Filhos... Filhos...
 Quanto a sua presença me consterna!
 Ah! levem-m'os d'aquí... mas para onde?...
 Não; chegai, filhos meus... em vossos labios
 Quero entornar minha alma... nelles quero
 Deixar a vosso Pai depositados
 Meus ultimos suspiros... Ah! são estes...
 São estes... Que anciedade! A luz me foge...
 Adeos, Filhos... adeos, Esposo.. Eu morro. (1)
 EMB. Que doloroso trance!

(1) Calhe e espira nos braços das damas.

SCENA X.

OS MESMOS, D. PEDRO E D. SANCHO.

PED. (1) Amada Esposa

Ignez, querida Ignez, v^oa a meus braços,

Vem completa fazer minha alegria. (2)

Porém que! vós chorais! que infausto agouro! (3)

SANC. Oh Principe infeliz! Mortal angustia!

Affastai-lhe da vista a extincta Esposa. (4)

PED. (5) A esposa! Onde está ella? Ide chamar-m'a.

NUN. Ah! Senhor!...

PED. Não tardeis, ide chamar-m'a.

Eu mesmo, eu mesmo vou... Ignez, Esposa! (6)

(1) D. Pedro entra na Scena cheio de alegria, sem vêr o cadaver de Ignez.

(2) Vendo chorar D. Nuno e o Embaixador, que estão defronte do cadavre de Ignez.

(3) Olha para traz, dá com os olhos em Ignez morta, quer correr a ella, recua espavorido, e cae desfalleci lo nos braços de D. Sancho e do Embaixador.

(4) Elvira e as Aias retirão da Scena Ignez e os Meninos, acompanhadas de D. Sancho.

(5) Em delirio.

(6) Convulso, quer caminhar, e não pode.

EMB. A extrema dôr o priva dos sentidos.

NUN. A tua Esposa !.. oh Deos !.. já não existe.

PED. He morta? Injustos Ceos! Clarão terrível! (1)

Ah ! sim, eu mesmo a vi... horrída imagem !...

E tornarão a abrir-se inda os meus olhos ?

Vi morta a cara Esposa, e vivo ainda ! (2)

Espera, espera, Ignez, eu te acompanho,

Eu já te sigo, sim... (3) Mas não, primeiro

He preciso vingar a sua morte.

Quem a matou?.. Dizei... talvez... foi elle,

Esse tyranno, que meu Pai se chama ?

NUN, Ah ! não, Senhor, teu Pai lhe perdoava

Mas Coelho e Pacheco os impios forão,

Que...

PED. Basta : nada mais. (4) Impios são todos,

E eu de todos o sangue beber quero.

Treme, barbaro Rei ; cruenta guerra

Eu protesto fazer-te ; sim, eu juro

Pelo sangue de Ignez, cujos vestigios

Bradando por vingança alli diviso,

Juro, cruel, do Throno derrubar-te,

(1) Olhando para o lugar onde vira Ignez morta.

(2) Em acção de desembainhar a espada.

(3) D. Nuno e o Embaixador impedem que D. Pedro desembainhe, e este reflectindo hum pouco, diz ;

(4) Na mesma furiosa desesperação.

E em teu lugar, c'roada alçara elle
 A Esposa que me roubas. A meu lado,
 Mesmo depois de morta, a bella Castro
 Será Rainha, reinará comigo :
 Que importa que o seu corpo não respire,
 Se a sua alma inda existe unida á minha !
 Hão de todos beijar-lhe a mão já fria,
 Tributar-lhe as devidas homenagens :
 Do seu throno degrãos por mim calcados
 Os tyranos serão que a assassinarão :
 Seus corações malvados, das entranhas
 Eu mesmo hei de arrancar, hei de trincar-lh'os.
 A's minhas iras escapar não podem :
 Inda que nos infernos vão sumir-se,
 Lá mesmo, ardendo em raiva irei buscá-los.
 Será tal meu furor, minha vingança,
 Que o Mundo tremerá de ouvir meu nome :
 Por toda a parte se hão de ouvir sómente
 Pranto, desolação, e horrores... tantos
 Os estragos serão, as mortes tantas,
 Que ha de em sangue nadar Portugal todo :
 Sangue o Douro, o Mondego, e sangue o Tejo
 Não de, em vez d'agua, despejar aos mares ;
 E os proprios mares arrojarem bramindo
 Ondas de sangue ás mais longinquas praias.
 Eu vou já começar a derramá-lo.
 Oh furias ! Oh vingança ! Acompanhai-me,

Meus passos dirigi; guiai meu braço. (1)

EMB. Ah príncipe, suspende! Mas quem póde
Conter as fúrias, que lhe lutão n'alma! (2)

NUN. Que espantoso tropel de horriveis males!..
Oh de cégas paixões funesto exemplo!..
Misero Esposo!.. Malfadada Castro!..
De quanta compaixão são dignos ambos!..
Muito se amavão, desgraçados forão,
Chore-os o Mundo, e de imitá-los trema. (3)

SCENA III.

D. NUNO E D. SANCHE (4).

NUN. Onde corres?...

SANC. Oh Ceos!

NUN. Novos desastres

Acaso sobre nós envia o Fado:

SANC. O nosso Excelso Rei, o invicto Affonso
Com força de pezar succumbe aos males,
E violenta paixão lhe arranca a vida.

(1) Parte furioso arrebatadamente da Scena.

(2) Segue a D. Pedro.

(3) Finda a Tragedia quando não ha coroação.

(4) Impaciente.

NUN. Em que montão d'horrores nos abysma
O destino fatal!

SANC. Oh desventura!

O Principe me ordena que vos chame :
Vinde prestes, D. Nuno; elle turbado
Sente a falta d'hum Pai, da Esposa a perda. (1)

NUN. Morreo em fim? . . Morreo! No centro d'alma
Soffro as ancias crueis, a dôr mais impia!

(1) Parte.

ACTO DA COROAÇÃO

PARA SE REPRESENTAR NO FIM DA TRAGEDIA

NOVA CASTRO

DE

JOAO BAPTISTA GOMES.

A lembrança de que muitas pessoas desejão vêr no fim d'aquella optima Tragedia huma Coroação, fez com que se imprimisse esta, apezar da falta de unidade que ha, o que forma hum erro dramatico, que o seu Auctor não desculpãria se existisse. —o
Editor.

MUTAÇÃO.

Magnifica Sala com Docel, e Cadeira de espaldar no meio do Theatro, em a qual está D. Ignez assentada, e em lugar competente, e magnifico huma Coroa requissima,

Saem D. Pedro, D. Sancho. D. Nuno, Elvira, os dous Meninos, Grandes, e Guardas Reaes.

D. NUN. Esta he a pompa, Senhor, que a brevidade Me permittio do tempo.

D. PED.

Que impiedade!

He possivel, Ignez, oh dura sorte!..

Quem vida me dêo te dêsse a morte?!
 A sacrilega mão, barbara, e fera,
 Que o teu sangue verteo no duro effeito
 Não cahio com o ferro? Oh quem podéra
 Soldar a pura neve do teu peito!..
 Quem podéra animar-te a luz perdida,
 Repartindo com tigo a minha vida?!
 Quaes serão os castigos acertados
 Que excogite a lembrança d'esta scena
 Contra estes deshumanos inimigos,
 Sem lei, sem compaixão, e sem respeito?
 Farei abrir com golpes mui profundos,
 As espadoas a hum, a outro o peito;
 E a seus mesmos olhos moribundos,
 Que virão este sangue, desejára
 Mostrar os corações, que os animára
 A tão cruel, e aspera fereza
 Como abortos crueis da natureza
 Para monstros indomitos gerados;
 Choro, meu bem, a tua adversidade,
 E vivo para minha saudade!..

D. SANC. Aqui te outorgo a Corôa...

D. PED.

De outra sorte

Coroar-te intentei, fiel Consorte;
 Mas preferio á gloria a tyrannia!..
 E vós, meus caros, meus fieis vassallos,
 Reverentes beijaie esta mão fria,

Que beijar deverieis n'outro estado,
Se tão impio não fosse o nosso fado.

D. SANC. O primeiro sou eu, que esta mão bella
Reconheço da minha Soberana,
Com o respeito que devo a vós, e a ella. (1)

D. NUN. Com minha gratidão, e o meu respeito,
Qual vassallo fiel, cumpro o preceito. (2)

(Os grandes beijão-lhe a mão ao som de musica, e no fim diz:)

D. PED. Esse corpo gentil desanimado,
Mais na morte que em vida respeitado,
Depressa cobrir faze, Condestavel.

D. Sancho corre as cortinas.

A incumbencia do enterro vos entrego :
Com magestoso fausto veneravel
A levai a Alcobaça, e as estradas
De tochas estarão illuminadas ;
E o mesmo esplendor fazer quizera
Se, como dezeseite legoas são,
Dezeseite mil fossem ; pois venera
Tanto minha alma a essa cinza amada,
Que desejo exceder no magestoso
Aquella maravilha celebrada,

(1) Beija-lh'a.

(2) O mesmo.

Que Artimizia erigio a seu esposo.
E vós, que ainda apezar do esquecimento,
Recommendais com pranto merecido
Os amores de Ignez ao sentimento,
En seu nome ao respeito que he devido,
Com verso humilde aqui vos represento
O tragico infortunio desabrido,
Que aconteceu á misera mesquinha,
Que inda depois de morta foi Rainha.



Esta sanguinosa catastrophe, os ternos, malfadados amores que a precedêrão, e a especie d'apothéose com que depois da morte a acompanhára a desculpavel idolatria de seu desolado amante, constitue um d'aquelles successos nacionaes, perennes, indeleveis que marcão epocha na historia dos povos. A pár da gloria dos Gamas e Albuquerque não ha canto algum da Europa onde não tenha soado um echo dos suspiros d'Ignez de Castro, a misera e mesquinha. Mais ditosa na fama que na sorte ella tem despertado em todos os tempos as Musas nacionaes e estrangeiras, pelo que não será desagradavel aos leitores de aqui encontrarem o episodio de Camões, cuja lyra soôu entre todas tão harmoniosa, e a Cantata de Manoel Maria de Barbosa du Bocage, que accrescenta novo realce ao primor das Musas Portuguezas, e inspira novo interesse aos que sabem apreciar o amor coroado pela virtude.

Estavas, linda Ignez, posta em socego,
 De teus annos colhendo doce fruto,
 Naquelle engano da alma, ledo e cego,
 Que a fortuna não deixa durar muito;
 Nos saudosos campos do Mondego,
 De teus formosos olhos nunca enxuto,
 Aos montes ensinando, e ás hervinhas,
 O nome que no peito escripto tinhas.

Do teu Príncipe alli te respondiam
As lembranças que na alma lhe moravam ;
Que sempre ante seus olhos te traziam,
Quando dos teus formosos se apartavam ;
De noite em doces sonhos, que mentiam,
De dia em pensamentos que voavam ;
E quanto em fim cuidava, e quanto via,
Eram tudo memorias de alegria.

De outras bellas senhoras, e Princezas,
Os desejados thalamos engeita,
Que tudo em fim, tu puro amor, desprezas,
Quando um gesto suave te sujeita.
Vendo estas namoradas estranhezas
O velho pai sesudo, que respeita
O murmurar do povo, e a phantasia
Do filho, que casar se não queria :

Tirar Ignez ao mundo determina,
Por lhe tirar o filho que tem preso ;
Crendo co' o sangue só da morte indina,
Matar do firme amor o fogo acceso.
Que furor consentio que a espada fina,
Que poude sustentar o grande peso
Do furor Mauro, fosse alevantada
Contra uma fraca dama delicada ?

Traziam-na os horrificos algozes
 Ante o Rei, já movido á piedade,
 Mas o povo com falsas, e ferozes
 Razões, á morte crua o persuade.
 Ella com tristes, e piedosas vozes,
 Sahidas só da magoa, e saudade
 De seu Principe, e filhos, que deixava,
 Que mais que a propria morte a magoava :

Para o ceo crystallino alevantando
 Com lagrimas os olhos piedosos ;
 Os olhos, porque as mãos lhe estava atando
 Um dos duros ministros rigorosos :
 E depois nos meninos attentando,
 Que tão queridos tinha, e tão mimosos,
 Cujá orphandade como mãe temia,
 Para o avô cruel assi dizia :

« Se já nas brutas feras, cuja mente
 Natura fez cruel de nascimento ;
 E nas aves agrestes, que sómente
 Nas rapinas aerias tem o intento ;
 Com pequenas crianças vio a gente
 Terem tão piedoso sentimento,
 Como co'a mãe de Nino ja mostraram,
 E co'os irmãos que Roma edificaram ;

O tu, que tens de humano o gesto, e o peito,
 (Se de humano é matar uma donzella
 Fraca e sem força, só por ter sujeito
 O coração a quem soube vencê-la,)
 A estas criancinhas tem respeito,
 Pois o não tens á morte escura della :
 Mova-te a piedade sua, e minha,
 Pois te não move a culpa que não tinha.

E se vencendo a Maura resistencia,
 A morte sabes dar com fogo e ferro,
 Sabe tambem dar vida com clemencia
 A quem para perdê-la não fez erro.
 Mas se t'ó assi merece esta innocencia,
 Põe-me em perpetuo esse misero desterro,
 Na Scythia fria, ou lá na Libya ardente,
 Onde em lagrimas viva eternamente.

Põe-me onde se use toda a feridade,
 Entre leões e tigres, e verei
 E nelles achar posso a piedade
 Que entre peitos humanos não achei :
 Allí co'ó amor intrinseco, e vontade,
 Aquelle por quem morro, criarei,
 Estas reliquias suas que aqui viste,
 Que refrigerio sejam da mãi triste. »

Queria perdoar-lhe o Rei benigno,
 Movido das palavras que o magoam ;
 Mas o pertinaz povo, e seu destino
 (Que d'esta sorte o quiz) lhe não perdoam.
 Arrancam das espadas de aço fino,
 Os que por bom tal feito alli apregoam.
 Contra uma dama, ó peitos carnicheiros,
 Feros vos amostrais, e cavalleiros ?

Qual contra a linda moça Polyxena,
 Consolação extrema da mãe velha,
 Porque a sombra de Achilles condena,
 Co'o ferro o duro Pyrrho se apparelha :
 Mas ella os olhos, com que o ar serena,
 (Bem como paciente, e mansa ovelha)
 Na misera mãe postos, que endoudece,
 Ao duro sacrificio se offerece :

Taes contra Ignez os brutos matadores,
 No collo de alabastro, que sostinha
 As obras com que amor matou de amores
 Aquelle que depois a fez Rainha,
 As espadas banhando, e as brancas flores,
 Que ella dos olhos seus regadas tinha,
 Se encarniçavam, férvidos e irosos,
 No futuro castigo não cuidadosos.

Bem puderas, ó Sol, da vista d'estes,
 Teus raios apartar aquelle dia,
 Como da seva mesa de Thyestes,
 Quando os filhos por mão de Atreo comia!
 Ós, ó concavos valles, que pudestes
 A voz extrema ouvir da boca fria,
 O nome de seu Pedro que lhe ouvistes,
 Por muito grande espaço repetistes!

Assi como a bonina, que cortada
 Antes do tempo foi, candida e bella,
 Sendo das mãos lascivas maltratada
 Da menina, que a trouxe na capella,
 O cheiro traz perdido, e a cor murchada;
 Tal está morta a pallida donzella,
 Secas do rosto as rosas, e perdida
 A branca e viva cor, co'a doce vida.

As filhas do Mondego a morte escura
 Longo tempo chorando memoraram;
 E por memoria eterna, em fonte pura
 As lagrimas choradas transformaram:
 O nome lhe puzeram, que inda dura,
 Dos amores de Ignez, que alli passaram.
 Vide que fresca fonte rega as flores,
 Que lagrimas são a agua, e o nome amores.

A MORTE

DE

IGNEZ DE CASTRO.

CANTATA

Longe do caro Esposo Ignez formosa
 Na margem do Mondego,
As amorosas faces aljofrava
 De mavioso pranto
Os melindrosos, candidos Penhores
 Do Thalamo furtivo,
Os Filhinhos gentis, imagem d'ella,
No regaço da Mãi serenos gozão
 O somno da Innocencia.
Côro subtil de aligeros Favonios,
 Que açores embrandece,
 Ora enlevado affaga
Com as plumas azues o Par mimoso.
 Ora, solto, inquieto
Em leda travessura, em doce brinco,
 Pela Amante saudosa,

Pelos tenros Meninos se reparte,
 E com tenue murmurio vai prender-se
 Das aureas tranças nos anneis brilhantes.

Primavera louçã, Quadra macia

Da ternura, e das flores,

Que á bella Natureza o seio esmaltas,

Que no prazer de Amor ao Mundo apuras

O prazer da existencia,

Tu de Ignez lacrimosa

As mágoas não distrahes com teus encantos.

Debalde o Rouxinol, cantor de amores

Nos versos naturaes os sons varia,

O límpido Mondego em vão serpêa

C'um benigno susurro, entre boninas

De lustroso matiz, almo perfume ;

Em vão se doira o Sol de luz mais viva,

Os Ceos de mais pureza em vão se adornão

Por divertir-te, oh Castro :

Objectos de alegria Amor enjôão,

Se amor he desgraçado.

A meiga voz dos Zéfytros, do rio

Não te convida o somno :

Só de já fatigada

Na luta de amargosos pensamentos,

Cerras, misera, os olhos ;

Mas não ha para ti, para os Amantes

Somno placido, e mudo ;

Não dorme a fantasia, Amor não dorme :
 Oh gratas illusões, ou negros sonhos
 Assomando na idéa, espertão, rompem
 O silencio da Morte.

Ah ! Que fausta Visão de Ignez se apossa !
 Que scena, que espectáculo assombroso
 A paixão lhe afigura aos olhos d'alma !
 Em marmoreo salão de altas columnas
 A Solio magestoso, e rutilante
 Junto ao regio Amador se crê subida ;
 Graças de neve a purpura lhe envolve,
 Pende augusto Docel do tecto de oiro ;
 Rico Diadema de radioso esmalte
 Lhe cobre as tranças, mais formosas que elle ;
 Nos luzentes degrãos do Throno excelso
 Pomposos Cortezãos o orgulho acurvão ;
 A Lisonja sagaz lhe adoça os labios,
 O Monstro da Politica se atterra,
 E se Ignez perseguia, Ignez adora.

Elle escuta os extremos,
 Os vivas populares, vê o Amante
 Nos olhos estudar-lhe as leis, que dicta ;
 O prazer a transporta, Amor a encanta ;
 Premios, dadas mil ao Justo, ao Sabio
 Magnanima confere,
 Rainha esquece o que soffreo Vassalla :
 De sublimes acções orna a Grandeza,

Felicita os Mortaes, do Sceptro he digna,
 Impera em corações... mas Ceos! Que estrondo
 O sonho encantador lhe desvanece!

 Ignez sobresaltada

Desperta, e de repente aos olhos turvos
 Da vistosa illusão lhe foge o quadro,
 Ministros do Furor, tres vis Algozes,
 De buídos punhaes a dextra armada,
 Contra a bella Infeliz bramindo avanção.
 Ella grita, ella treme, ella descora,
 Os Fructos dā ternura ao seio aperta,
 Invocando a piedade, os Ceos, o Amante;
 Mas de marmore aos ais, de bronze ao pranto,
 A' suave attracção da formosura,

 Vós, brutos Assassinos,

No peito lhe enterrais os impios ferros.

 Cae nas sombras da Morte

A Victima de Amor, lavada em sangue,

As rosas, os jasmims da face amena

 Para sempre desbotão.

Dos olhos se lhe some o doce lume;

 E no fatal momento

Balbuca, arquejando : « Esposo, Esposo. »

 Os tristes Innocentes

 A' triste Mãi se abração,

E soltão da agonia inutil chòro.

 Ao suspiro exhalado,

Final suspiro da formosa Extincta

Os Amores acodem.

Mostra a Prole de Ignez, e a tua, oh Venus,

Igual consternação, e igual belleza :

Huns dos outros os candidos Meninos

Só nas azas differem,

(Que jazem pelo campo em mil pedaços

Carcazes de marfim, virotes de oiro)

Súbito vôão dois do Côro alado :

Este, raivoso, a demandar vingança

No Tribunal de Jove,

Aquelle a conduzir o infausto annuncio

Ao descuidado Amante.

Nas cem tubas da Fama o grão desastre

Irá pelo Universo :

Hão de chorar-te, Ignez, na Hircânia os Tygres,

No torrado certão da Libya fera

As Serpes, os Leões hão de chorar-te.

Do Mondego, que attonito recua,

Do sentido Mondego as alvas Filhas

Em tropel doloroso

Das urnas de crystal eis vem surgindo,

Eis, attentas no horror do caso infando,

Terriveis maldições dos labios vibrão

Aos Monstros infernaes, que vão fugindo.

Já crôão de cypreste a Malfadada,

E, arrependendo as nitidas madeixas,

Lhe urdem saudosas, lúgubres endeixas.

Tu, Eco, as decoraste,
E, cortadas dos ais, assim resôão
Nos concavos penedos, que magôão :

Toldão-se os ares,
Murchão-se as flores :
Morrei, Amores,
Que Ignez morreo.

Misero Esposo,
Desata o pranto,
Que o teu encanto
Já não he teu.

Sua alma pura
Nos Ceos se encerra :
Triste da Terra
Porque a perdeu !

Contra a cruenta
Raiva ferina
Face divina
Não lhe valeo.

Tem roto o seio,
Thesouro occulto,
Barbaro insulto
Se lhe atreueo.

De dôr, e espanto
No carro de oiro
O Numen loiro
Desfaleceo.

Aves sinistras
Aqui piárão,
Lobos uivárão,
O chão tremeo.

Toldão-se os ares,
Murchão-se as flores :
Morrei, Amores,
Que Ignez morreo.

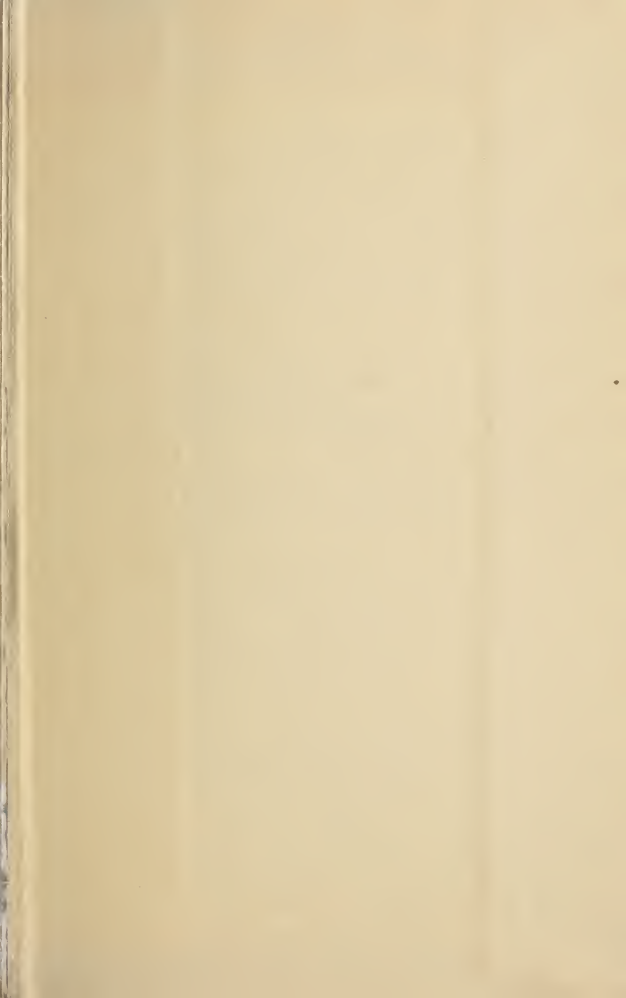




Deacidified using the Bookkeeper process.
Neutralizing agent: Magnesium Oxide
Treatment Date: Nov. 2008

Preservation Technologies

A WORLD LEADER IN COLLECTIONS PRESERVATION
111 Thomson Park Drive
Cranberry Township, PA 16066
(724) 779-2111



LIBRARY OF CONGRESS



0 024 331 531 1

